

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
FACULDADE DE ARTES
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES - PROFARTES

GILSON MOURA VICTOR

ENSINO COLETIVO DE VIOLÃO NAS AULAS DE ARTE DO 7º
ANO DO CIME – PROFESSOR DOUTOR JOSÉ ALDEMIR DE
OLIVEIRA

MANAUS
2025

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRO-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
FACULDADE DE ARTES
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES - PROFARTES

GILSON MOURA VICTOR

ENSINO COLETIVO DE VIOLÃO NAS AULAS DE ARTE DO 7º
ANO DO CIME – PROFESSOR DOUTOR JOSÉ ALDEMIR DE
OLIVEIRA

DISSERTAÇÃO apresentada, junto ao
Mestrado Profissional em Artes-
PROFARTES. Linha de pesquisa:
Processos de ensino, aprendizagem e
criação em artes. Para obtenção do Título
de Mestre em Ensino de Artes. Orientador:
Prof. Dr. Jackson Colares da Silva

MANAUS
2025

Ficha Catalográfica

Elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

V642e Victor, Gilson Moura
Ensino coletivo de violão nas aulas de artes do 7º ano do CIME -
Professor Doutor José Aldemir de Oliveira / Gilson Moura Victor. -
2025.
62 f. : il., color. ; 31 cm.

Orientador(a): Jackson Colares da Silva.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Amazonas,
Programa de Pós-Graduação Profissional em Artes, Manaus, 2025.

1. Ensino coletivo de violão. 2. Educação integral. 3.
Musicalidade. 4. Interdisciplinaridade. 5. Coletivo. I. Silva, Jackson
Colares da. II. Universidade Federal do Amazonas. Programa de
Pós-Graduação Profissional em Artes. III. Título

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
FACULDADE DE ARTES
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES - PROFARTES

GILSON MOURA VICTOR

ENSINO COLETIVO DE VIOLÃO NAS AULAS DE ARTE DO 7º ANO
DO CIME – PROFESSOR DOUTOR JOSÉ ALDEMIR DE OLIVEIRA

DISSERTAÇÃO

Apresentada, junto ao Mestrado Profissional em Artes-PROFARTES. Linha de pesquisa: Processos de ensino, aprendizagem e criação em artes.

Aprovado em: 17/12/2025

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Jackson Colares da Silva
Presidente e Orientador:

Prof. Dr. Hermes Coelho Gomes
Membro:

Prof. Dr. Sergio Anderson de Moura Miranda
Membro:

Prof. Dr. Renato Antônio Brandão Pinto
Suplente:

Prof. Dr. Elias Farias
Suplente:

MANAUS
2025

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo analisar os processos do ensino coletivo de violão inserido na programação anual do componente curricular Arte, nos anos finais do Ensino Fundamental, com ênfase no 7º ano, em uma escola pública de Educação Integral localizada na periferia do município de Manaus. Parte-se da premissa de que a música, aliada à educação, configura-se como um recurso pedagógico potente, capaz de contribuir significativamente para a aprendizagem dos alunos. A proposta didático-pedagógica desenvolvida na escola adota uma abordagem que transcende a simples instrução técnica-musical, buscando integrar o fazer musical com os objetivos mais amplos da disciplina de Arte, dentro de uma perspectiva formativa e integral. A metodologia aplicada é a *Design-Based Research* (DBR), que favorece uma abordagem prática, reflexiva e inovadora, valorizando a construção conjunta do conhecimento e promovendo aprendizagem significativa. O processo inicia-se com a apreciação musical, por meio de apresentações e escutas guiadas que despertam o interesse, o senso crítico e a sensibilidade artística dos alunos. Em seguida, desenvolve-se o aprendizado prático do instrumento, com foco na construção coletiva do conhecimento musical, no estímulo à cooperação entre os estudantes e no respeito ao ritmo individual de aprendizagem. Como culminância do processo, os alunos realizam apresentação musical pública, momento em que demonstram não apenas as habilidades técnicas adquiridas, mas também o crescimento pessoal, social e artístico proporcionado pela experiência. Evidencia-se que a música, integrada à educação dos estudantes, atua como aliada e facilitadora na motivação e inter-relação da comunidade discente. A convivência com a música e o estudo por meio do ensino coletivo de violão proporcionam disciplina e socialização, o que vem ao encontro da proposta da educação integral.

Palavras-chave: Ensino Coletivo de Violão, Educação Integral, Musicalidade.

ABSTRACT

This research aims to analyze the processes of collective guitar instruction integrated into the annual Art curriculum in the final years of elementary school, with an emphasis on the 7th grade, at a public comprehensive education school located on the outskirts of Manaus. The research is grounded in the premise that music, combined with education, constitutes a powerful pedagogical resource capable of significantly contributing to student learning. The didactic-pedagogical approach developed at the school transcends simple technical-musical instruction, seeking to integrate musical practice with the broader objectives of the Art discipline within a formative and comprehensive perspective. The methodology applied is Design-Based Research (DBR), which favors a practical, reflective, and innovative approach that values the collaborative construction of knowledge and promotes meaningful learning. The process begins with musical appreciation through guided performances and listening sessions that spark students' interest, critical thinking, and artistic sensitivity. Subsequently, practical instrument learning develops with a focus on the collective construction of musical knowledge, encouraging cooperation among students and respecting their individual learning pace. As the culmination of the process, students deliver a public musical performance, demonstrating not only the technical skills acquired but also the personal, social, and artistic growth provided by the experience. This research demonstrates that music, when integrated into students' education, acts as an ally and facilitator in motivating and strengthening the interrelationships within the student community. Experiencing music and studying through collective guitar instruction fosters discipline and socialization, which **aligns with** the principles of comprehensive education

Keywords: Collective Guitar Teaching, Comprehensive Education, Musicality.

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 – Características da DBR	4
Tabela 2 - Bairros de Manaus organizados por zonas:	10
Tabela 3 - Espaços	16
Tabela 4 – Quantitativo de turmas e alunos:	16

ÍNDICE DE IMAGENS

Figura 1 – Página principal do <i>Survey</i>	8
Figura 2 – Mapa do Município de Manaus	11
Figura 3 – Bairros e Zonas de Manaus.....	12
Figura 4 - Dados Populacionais e Domiciliares Por Bairros.....	13
Figura 5 - Bairro Jorge Teixeira e Comunidade Coliseu	14
Figura 6 – Faixada do CIME Prof. Dr. José Aldemir de Oliveira.....	15
Figura 7 – Identificação da Sala de Música.....	25
Figura 8 - Escuta e Apreciação Musical.....	26
Figura 9 – Fase 2 – Perceber e aprender a escutar o outro.....	30
Figura 10 – Estudo Técnico do Instrumento Violão	32
Figura 11 – Construção coletiva, protagonismo e expressão	33
Figura 12 – Apresentações externas.....	34
Figura 13 – Apresentações internas.....	35
Figura 14 - Apresentação dos alunos.....	35
Figura 15 - Cronograma das apresentações.....	36
Figura 16 - Momento Inicial da apresentação.....	37
Figura 17 - Apresentação para os professores.....	38
Figura 18 - Apresentação para a turma do Primeiro Ano - Fundamental I	39

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Atrativos para aprender tocar violão	42
--	----

SUMARIO

1.	INTRODUÇÃO	1
2.	CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	1
2.1.	OBJETIVO GERAL	3
2.2.	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	3
3.	METODOLOGIA	3
3.1.	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	5
3.2.	LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO PARA REVISÃO DA LITERATURA	6
3.3.	ELABORAÇÃO DE QUESTIONÁRIO (SURVEYS)	7
3.4.	ELABORAÇÃO DE ENTREVISTAS	8
4.	CONTEXTUALIZAÇÃO DE PESQUISA	9
4.1.	MANAUS	9
4.2.	ZONA LESTE	11
4.3.	BAIRRO JORGE TEIXEIRA/COMUNIDADE COLISEU	12
4.4.	CIME PROF. DR. JOSÉ ALDEMIR DE OLIVEIRA	14
5.	REFERENCIAL TEÓRICO	18
5.1.	ENSINO INTEGRAL – TEMPO INTEGRAL	18
5.2.	O ENSINO COLETIVO DE INSTRUMENTOS MUSICAIS	20
5.3.	O ENSINO COLETIVO DE VIOLÃO	21
6.	ENSINO COLETIVO DE VIOLÃO NAS AULAS DE ARTES DO 7º ANO EM UMA ESCOLA DE EDUCAÇÃO INTEGRAL	22
6.1.	APRECIÇÃO MUSICAL	25
6.2.	PERCEPÇÃO MUSICAL	27
6.3.	PRÁTICA INSTRUMENTAL	30
6.4.	PERFORMANCE – FASE 4 – PROTAGONISMO E EXPRESSÃO	33
6.4.1.	AÇÃO PERFORMÁTICA	35
6.4.1.1.	ENSAIOS E PRÁTICA COLETIVA	35
6.4.1.2.	APRESENTAÇÃO DOS ALUNOS	36
6.4.1.3.	REPERTÓRIO TRABALHADO E SEU RELEVO ARTÍSTICO-CULTURAL	38
6.4.1.4.	DESCRIÇÃO DAS MÚSICAS ESTUDADAS	38
6.4.2.	RESULTADO PERFORMÁTICO	39
7.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
7.1.	DADOS QUANTITATIVOS E PERCEPÇÕES DOS ESTUDANTES	41
7.2.	REFLEXÕES FINAIS E PERSPECTIVAS FUTURAS	43
8.	REFERÊNCIAS	44

1. INTRODUÇÃO

O ensino coletivo de violão, inserido na programação anual do componente curricular Arte nos anos finais do Ensino Fundamental, especialmente no 7º ano, em uma escola de Educação Integral no município de Manaus, tem instigado a implementação de uma abordagem pedagógica que vai além da simples instrução musical. Nesse contexto, tornou-se necessário desenvolver estratégias pedagógicas que promovam a formação integral dos alunos, contribuindo para a aquisição de habilidades diversas, como pensamento crítico, colaboração e criatividade, permitindo uma aprendizagem mais significativa e conectada com a realidade dos estudantes.

Nesse sentido, Barbosa (2015b, p. 1) comenta que "o ensino coletivo não tem somente a função de dispor o conhecimento técnico e teórico musical, mas também, por ser uma boa atividade, quebrar uma rotina de trabalhos e estudos frequente na vida escolar dos alunos". Sá (2016, p. 25) destaca ainda que o ensino coletivo de violão leva o ensino da música a uma maior quantidade de alunos e encontra-se em pleno desenvolvimento em projetos sociais, cursos de extensão e nas escolas de educação básica.

Por isso, ensinar violão nesses ambientes de aprendizagem colaborativa permite que os alunos compartilhem experiências e desenvolvam um senso de pertencimento e coleguismo efetivo e afetivo, possibilitando que compartilhem seus progressos, desafiem-se mutuamente e aprendam uns com os outros, desenvolvendo habilidades sociais importantes, como comunicação, empatia e respeito.

O violão, como instrumento acessível e de grande apelo popular, é uma excelente ferramenta para a inclusão de todos os alunos, independentemente de seu nível de habilidade. Além disso, por ser um instrumento com forte presença na cultura popular brasileira, facilita a conexão dos estudantes com elementos da identidade cultural local, promovendo a expressão individual e a criatividade dentro de um contexto coletivo.

Essas perspectivas reforçam a importância da interdisciplinaridade na educação musical e evidenciam como a prática coletiva de violão pode ser um instrumento eficaz para a formação integral dos alunos, permitindo que a música

se relacione com outras disciplinas do currículo escolar. Gularte e Wolffenbüttel (2023, p. 354) destacam:

A interdisciplinaridade pressupõe uma ligação dinâmica entre as disciplinas, dentro do âmbito escolar. Especificamente na Educação Musical, percebeu-se que essa ligação ainda ocorre de maneira muito tímida, embora seja a música um elemento cultural tão presente na vida de todos os seres humanos. Trabalhada de forma interdisciplinar, ela pode construir experiências artísticas muito significativas, interligadas com a vida real e com as práticas cotidianas, além de produzir saberes e conhecimentos.

Sendo assim, o ensino coletivo de violão nas aulas de Arte, dentro da perspectiva da Educação Integral e da interdisciplinaridade, representa uma valiosa oportunidade para o desenvolvimento de diversas competências nos estudantes. Essa abordagem permite que os alunos integrem conhecimentos musicais com outras áreas do currículo escolar, promovendo uma aprendizagem mais significativa e conectada com a realidade. Lima (2007, p. 63) afirma que é necessário na atualidade pensarmos em um ensino musical que caminhe para um amplo processo de humanização. Dessa forma, falar de uma prática musical interdisciplinar obrigatoriamente deveria considerar que:

[...] a inclusão do ensino musical na formação integral do indivíduo; ensino musical voltado para todas as faixas etárias e sociais em seus diversos escalões e nas suas múltiplas aplicabilidades; a projeção de um ensino musical que considere de forma integrada, o trabalho, a sociedade e a cultura; o estudo comparativo de nossos saberes musicais com o saber musical de outras comunidades como um processo de valorização da nossa cultura; o ensino musical previsto nos projetos sociais; a análise e inclusão de parcerias direcionadas para o ensino musical; um olhar voltado para as práticas musicais como possibilidade de criação de novos conhecimentos na área; a análise atenta das relações entre a formação do professor e o contexto cultural em que ela intervém; o estudo atento do cotidiano escolar sob uma perspectiva de melhoria do ensino musical; a implantação da pesquisa em todos os setores de ensino musical como projeto social de produção de conhecimento, entre outros.

2. CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

2.1. OBJETIVO GERAL

- Descrever a metodologia aplicada no coletivo de violão nas aulas de Arte do ensino fundamental II – anos finais de um Centro Integrado Municipal de Educação.

2.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Destacar os processos de ensino e aprendizagem musical;
- Descrever os processos de ensino e aprendizagem coletivo de violão nas aulas de arte do ensino regular – anos finais do ensino fundamental II;
- Relatar o processo da aplicabilidade do Ensino Coletivo de Violão na Escola;

3. METODOLOGIA

A metodologia adotada pelo nosso trabalho é a Design-Based Research (DBR), ou Pesquisa Baseada em Design. Essa abordagem se destaca no campo da educação, especialmente na integração de teoria e prática, pois busca de forma flexível criar, testar e refinar intervenções em contextos educacionais. Diante disso, (NOBRE; MARTIN-FENANDES, 2021, p. 243), afirma:

No processo da DBR, todos os participantes do cenário educacional, sejam docentes, discentes ou outras partes interessadas procuram melhorar as práticas por meio de experiências reais, envolvendo a colaboração entre pesquisadores e praticantes, visando a melhoria das práticas educacionais e a geração de conhecimentos teóricos. Nesse sentido, pode-se dizer que um dos objetivos da DBR é desenvolver intervenções metodológicas em contextos educacionais complexos, ou seja:

- ajuda a facilitar a identificação de uma questão de investigação ou o aparecimento de um problema relevante e a sua resolução;
- efetiva estratégias destinadas a reformular uma situação insatisfatória para os participantes;
- permite que o investigador aprenda a identificar as suas necessidades enquanto permanece em contato com o seu campo de ação e estabelece uma abordagem para atingir os objetivos da mudança.

Assim, essa metodologia promove um processo dinâmico que permite ajustes contínuos, contribuindo para um aprendizado mais eficaz e contextualizado. DBR é particularmente valiosa em um mundo educacional em rápida mudança,

onde novas tecnologias e abordagens pedagógicas estão constantemente emergindo.

Sua flexibilidade e adaptabilidade permitem que educadores e pesquisadores respondam às necessidades e desafios contemporâneos, garantindo que as práticas educacionais evoluam para atender às demandas dos alunos e da sociedade. Em resumo, a metodologia DBR representa uma confluência poderosa entre pesquisa e prática, promovendo um ciclo contínuo de inovação e melhoria na educação. (MATTA; SILVA; BOAVENTURA, 2014) citado por (LOPES, 2024, p. 14) , destacam 5 características da DBR conforme tabela a seguir:

Tabela 1 – Características da DBR

item	Argumento	Descrição
1	Teoricamente Orientada:	as investigações DBR partem de princípios advindos de teorias aceitas como ponto de partida, e que serão também ponto de chegada, da pesquisa em questão. São princípios de design e modelagem para as soluções práticas demandadas, e que vão ser foco de diálogo e validação pelos sujeitos envolvidos e contexto em questão;
2	Intervencionista:	Utiliza-se o princípio teórico, assim como o diálogo com o contexto de aplicação para que a pesquisa desenvolva uma aplicação que irá intervir no campo da práxis pedagógica com e pretensão de produzir: a] produtos educacionais tais como materiais didáticos de toda natureza e suporte; b] processos pedagógicos como recomendações de atitude docente, novas propostas didáticas, etc.; c] programas educacionais como currículos, cursos, organização de temas e didáticas, e outros - também desenvolvimento profissional para professores; e/ou d] políticas educacionais como protocolos de avaliação docente ou discente, procedimentos e recomendações de investimento, aquisição, opções para relação entre a escola e a comunidade, e outros
3	Colaborativa:	a DBR é sempre conduzida em meio a vários graus de colaboração. Se trabalha na direção de desenvolver uma aplicação que seja solução concreta para problemas dados, o que obriga que todos os envolvidos colaborem. Investigador, comunidade e pessoas que se relacionam ao problema, devem estar envolvidos. Há uma base nas concepções de comunidades de prática na DBR (WENGER, 1998). A DBR requer que os participantes, da comunidade e investigadores universitários, colaborem na identificação e construção de soluções para o ensino-aprendizagem (REEVES, T, 2006). Wenger (1997) elaborou uma compreensão das 3 maneiras de interação entre comunidade de prática e pesquisadores: A] Acordo para extração de dados: Processo conduzido pelo pesquisador externo à comunidade, que elabora, organiza e relata a investigação. 5 B] Parceria de investigação: Procedimento desenvolvido cooperativamente entre pesquisador e comunidade. C] Acordo de co-aprendizagem: Elaboração e execução reflexiva e compartilhada entre pesquisador e comunidade.
4	Fundamentalmente responsiva:	tocar uma pesquisa DBR é desenvolver diálogo entre a sabedoria dos participantes, o conhecimento teórico, suas interpretações, e aqueles advindos da literatura, e pelo conjunto dos testes e validações diversas realizadas em campo.
5	Iterativa:	uma pesquisa DBR, metodologia voltada para a construção de soluções práticas, não ser feita para terminar. De fato, cada

	desenvolvimento é o resultado de uma etapa, de um processo de arquitetura cognitiva, e necessariamente será o início do próximo momento de aperfeiçoamento e de melhorias.
--	--

Fonte: Elabora pelo autor – 2025 a partir de (MATTA; SILVA; BOAVENTURA, 2014)

3.1. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Durante o desenvolvimento de nossa pesquisa, chegamos a um momento crucial: a coleta de dados. Foi nessa etapa que começamos, de fato, a reunir as informações que dariam sustentação consistente às análises e conclusões construídas ao longo de todo o estudo. Essa fase representou não apenas um procedimento técnico, mas um processo fundamental de aproximação com a realidade investigada, permitindo compreender nuances que muitas vezes não são perceptíveis apenas pela leitura teórica. Além disso, a coleta de dados exigiu um planejamento cuidadoso, uma atenção meticulosa aos detalhes e a definição clara dos instrumentos de investigação, garantindo que as informações obtidas fossem fidedignas e realmente pertinentes aos objetivos da pesquisa. Conforme afirma (LEOPOLDO et al., 2018) “Uma pesquisa, para oferecer resultados satisfatórios e confiáveis deve ser cuidadosamente planejada e embasada em contribuições anteriores a coleta de dados que deve ser de acordo com a necessidade da pesquisa e a tabulação dos resultados para então submeter à análise e se chegar a uma conclusão satisfatória”.

No entanto, sem esses dados, a pesquisa correria o risco de se tornar rasa, incompleta ou mesmo imprecisa, já que são justamente eles que fornecem o embasamento necessário para validar ou refutar hipóteses, identificar padrões, levantar problemáticas e sustentar argumentos fundamentados.

Nesse sentido, os dados atuam como o alicerce que sustenta toda a investigação, garantindo que o estudo não se reduza a uma análise superficial ou baseada em percepções subjetivas. Como afirma (MARCONE; LAKATOS, 2017, p. 197), “A coleta de dados é a etapa da pesquisa em que se inicia a aplicação dos instrumentos elaborados e das técnicas selecionadas, a fim de efetuar a coleta dos dados previstos.”, reforçando a importância desse processo para a qualidade do estudo. A ausência de dados comprometeria a confiabilidade do processo investigativo, tornando qualquer conclusão vulnerável e pouco representativa da realidade. Assim, compreendemos que a coleta de dados não se limita a um simples levantamento de informações, mas representa um momento de aprofundamento e de diálogo direto com o fenômeno estudado, permitindo que o pesquisador desenvolva um olhar mais sensível, crítico e contextualizado sobre o tema abordado.

Além disso, ao coletarmos esses dados, pudemos recorrer a diferentes caminhos metodológicos que estabeleceram pontes importantes com as reflexões e inferências construídas ao longo de todo o processo investigativo. A

diversidade de fontes consultadas e a utilização de múltiplos instrumentos contribuíram para ampliar nosso campo de visão e enriquecer a compreensão do problema estudado. Isso nos permitiu realizar um cruzamento entre teoria e prática, fortalecendo a qualidade interpretativa da pesquisa e dando mais profundidade às discussões que emergiram em nossas análises.

Nesse sentido, as autoras (MARCONE; LAKATOS, 2017, p. 197) afirmam que “É tarefa cansativa e toma, quase sempre, mais tempo do que se espera. Exige do pesquisador paciência, perseverança e esforço pessoal, além do cuidadoso registro dos dados e de um bom preparo anterior.”, o que reforça a pertinência das escolhas metodológicas adotadas.

No entanto, ao coletarmos esses dados, pudemos recorrer a diferentes caminhos que fizeram ponte com as reflexões e inferências por nós atribuídas durante o processo de construção de nossa produção. Além da leitura, fomos a campo de forma presencial e virtual, atribuindo o questionário *Surveys Web*, que são questionários distribuídos pela internet e que permitem alcançar um público mais amplo e diversificado.

3.2. LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO PARA REVISÃO DA LITERATURA

Para o desenvolvimento de nossa pesquisa foi imprescindível o levantamento bibliográfico para a construção e consolidação do referencial teórico. De acordo com (LIMA; MIOTO, 2007, p. 37–41)

A pesquisa bibliográfica implica em um conjunto ordenado de procedimentos de busca por soluções, atento ao objeto de estudo, e que, por isso, não pode ser aleatório. Com tudo, esses referenciais oferecem suporte conceitual e metodológico para a delimitação do objeto de estudo, além de contribuírem para a organização e fundamentação das etapas da investigação.

[...] o conhecimento da realidade não é apenas a simples transposição dessa realidade para o pensamento, pelo contrário, consiste na reflexão crítica que se dá a partir de um conhecimento acumulado e que irá gerar uma síntese, o concreto pensado.

A articulação com esses aportes teóricos favorece a construção de um percurso investigativo mais consistente, conferindo ao trabalho maior rigor científico, credibilidade e confiabilidade, especialmente no que se refere à compreensão dos processos de ensino e aprendizagem musical. Ainda segundo (MARCONE; LAKATOS, 2017, p. 57).

Pesquisa bibliográfica é um tipo específico de produção científica: é feita com base em textos, como livros, artigos científicos, ensaios críticos, dicionários, enciclopédias, jornais, revistas, resenhas, resumos. Hoje, predomina entendimento de

que artigos científicos constituem o foco primeiro dos pesquisadores, porque é neles que se pode encontrar conhecimento científico atualizado, de ponta. Entre os livros, distinguem-se os de leitura corrente e os de referência. Os primeiros constituem objeto de leitura repetida, realizada com detida preocupação de tomada de notas, realização de resumos, comentários, discussão etc.

Nesse sentido, a pesquisa bibliográfica desempenha papel fundamental na construção do conhecimento científico, pois, além de subsidiar o pesquisador com fundamentos teóricos, permite a identificação de distintas abordagens sobre o objeto de estudo, contribuindo para o aprofundamento da análise e a formulação de novas perspectivas para a resolução do problema investigado.

Compreender a importância da fundamentação teórica vai além de uma exigência metodológica; trata-se de um compromisso com a qualidade da produção acadêmica e com a contribuição efetiva para o avanço do conhecimento na área da educação musical. É por meio dessa base teórica que se torna possível refletir criticamente sobre as práticas educacionais, propor novos caminhos e, sobretudo, fortalecer o diálogo entre teoria e prática na formação musical.

3.3. ELABORAÇÃO DE QUESTIONÁRIO (SURVEYS)

De acordo com (CENDON et al., 2010, p. 107) “Surveys são pesquisas que colhem dados de uma amostra representativa de uma população específica, os quais são descritos e analiticamente explicados”. Com essa versatilidade, os Surveys são uma escolha popular em pesquisas de mercado, ciências sociais, saúde e, especialmente, na educação, ajudando a tomar decisões e práticas educacionais. Para (FLEURY; WERLANG, 2017, p. 11), “os objetivos de uma pesquisa podem ser diversos: criar uma visão geral de um determinado fenômeno ou de uma dada condição; gerar novas ideias; ou conhecer os fatos básicos que circundam uma situação”.

No contexto específico do CIME Prof. Dr. José Aldemir de Oliveira, o questionário foi elaborado com o intuito de entrevistar os alunos do 7º ano do ensino fundamental que participam do ensino coletivo de violão nas aulas de Arte.

O objetivo principal do questionário aplicado aos alunos, é compreender a percepção desses sobre o ensino coletivo de violão integrado às aulas de Artes, identificando suas motivações, desafios enfrentados e como percebem a relação entre a música e outras áreas do conhecimento que eles estudam diariamente na escola. Buscou-se ainda avaliar a eficácia dessa abordagem coletiva no processo de ensino-aprendizagem, ajudando a entender de que maneira a prática do violão contribui para o desenvolvimento das competências dos estudantes, especialmente no que se refere à interdisciplinaridade. Conforme afirma, (CERNEV, 2018, p. 25)

Este tipo de aprendizagem também é conceituado a partir de outras definições, como: aprendizagem cooperativa, aprendizado coletivo, comunidades de aprendizagem, aprendizagem participativa, trabalho cooperativo, aprendizagem entre pares, aprendizado em equipe, entre outros.

Além de examinar a relação dos alunos com a música e suas motivações para participar dessa prática coletiva, o questionário também objetivou identificar as condições socioeconômicas e geográficas dos estudantes. Por meio dessas informações, foi possível analisar como fatores como o local de residência influenciam a frequência, o engajamento e o desempenho dos alunos nas aulas. Os estudantes são oriundos de bairros periféricos, como as comunidades Coliseu 1, 2 e 3, Ramal do Brasileirinho, Jorge Teixeira e Cidade de Deus.

Ao aplicar o Survey e coletar a resposta dos entrevistados, foi possível perceber os benefícios do ensino coletivo, não apenas em termos de aprendizagem, mas também no desenvolvimento pessoal e social dos estudantes. A participação em um ambiente coletivo de aprendizado, como as aulas de violão, favorece a interação entre os estudantes, desenvolvendo habilidades de colaboração, empatia e comunicação. Além disso, o ensino coletivo de violão, ao integrar diferentes áreas do conhecimento, auxilia no fortalecimento da educação integral, promovendo um aprendizado mais holístico e significativo. O Survey permite, portanto, analisar como a música, dentro do contexto interdisciplinar, pode ser um potente instrumento de transformação para os alunos do 7º ano, proporcionando um espaço de expressão criativa, reflexão e aprendizado que vai além dos conteúdos tradicionais da educação escolar.

Figura 1 – Página principal do Survey

<p>ENSINO COLETIVO DE VIOLÃO NAS AULAS DE ARTES EM UMA ESCOLA DE EDUCAÇÃO INTEGRAL DO MUNICÍPIO DE MANAUS</p> <p>B I U ↺ ↻</p> <p><small>*Olá, meu nome é Gilson Moura Victor, sou Mestrando em Ensino de Artes do Mestrado Profissional das IES associadas UFAM/UEA e estou realizando uma pesquisa sobre as aulas de violão oferecidas nas aulas de Artes do CIME Prof. Dr. José Aldemir de Oliveira. O objetivo dessa entrevista é entender como você, como aluno, se relaciona com a música, especialmente com o aprendizado do violão, e como essa prática tem contribuído para o seu desenvolvimento escolar e pessoal.</small></p>	<p>4. Como você se sente ao aprender violão nas aulas de Artes?</p> <p><input type="radio"/> - A) MUITO ANIMADO(A)</p> <p><input type="radio"/> - B) ANIMADO(A)</p> <p><input type="radio"/> - C) INDIFERENTE</p> <p><input type="radio"/> - D) DESMOTIVADO(A)</p> <p><input type="radio"/> - E) NÃO GOSTO DE APRENDER VIOLÃO</p> <p><input type="radio"/> Outro: _____</p>	<p>8. Você acha que aprender violão ajuda a melhorar sua criatividade e forma de pensar nas aulas de outras disciplinas?</p> <p><input type="radio"/> - A) SIM, MUITO</p> <p><input type="radio"/> - B) SIM, UM POUCO</p> <p><input type="radio"/> - C) NÃO, NÃO VEJO RELAÇÃO</p> <p><input type="radio"/> - D) NÃO SEI RESPONDER</p>
--	---	---

Fonte: Elaboração do autor - 2024

3.4. ELABORAÇÃO DE ENTREVISTAS

Com o objetivo de compreender melhor as experiências dos alunos, realizamos entrevista com perguntas focadas em diversos aspectos relacionados ao aprendizado do violão e a relação com a interdisciplinaridade, que para (JESUS; GUERRA; PEREIRA, 2024, p. 3)

A integração de diferentes disciplinas, elemento essencial do processo de interdisciplinaridade, incentiva os alunos a desenvolverem habilidades fundamentais para o desenvolvimento de uma aprendizagem significativa, como: trabalho em equipe, comunicação eficaz, pensamento crítico e capacidade de análise. Essas competências são cruciais para o sucesso tanto na vida acadêmica como no mercado de trabalho e na sociedade como um todo.

Ao realizarmos a entrevista, procuramos explorar como os alunos se sentem ao aprender música através do instrumento violão, as motivações e interesses que envolvem essa prática musical, além de avaliar como essa atividade contribui para o desenvolvimento de habilidades que vão além da música, como a concentração, a criatividade e o desempenho em outras matérias. (LORRANE STÉFANE SILVA, 2021, p. 12):

A entrevista tem sido uma ferramenta aliada dos/as pesquisadores/as que usam a abordagem qualitativa em suas pesquisas. Geralmente, na abordagem qualitativa usa-se as entrevistas semiestruturadas e não estruturadas. [...] Ademais, as entrevistas devem ser realizadas com ética, responsabilidade e em um ambiente de confiabilidade para que os direitos dos/as participantes não sejam violados e nem tampouco sejam constrangidos por participarem da pesquisa.

Partindo dessa premissa, toda pesquisa deve ser realizada com responsabilidade, seriedade e comprometimento. Isto porque se espera que uma pesquisa agregue novos conhecimentos e obtenha importantes e relevantes resultados para a sociedade compreender os fenômenos. Contudo, a entrevista é uma prática discursiva e interativa, onde o entrevistador e o entrevistado compartilham um espaço para a construção conjunta de compreensão sobre um determinado fenômeno.

Contudo, ao realizarmos as entrevistas com os alunos de 11 a 15 anos do 7º ano do CIME Prof. Dr. José Aldemir de Oliveira, buscamos entender não apenas suas percepções sobre o ambiente escolar e as dinâmicas de aprendizagem, mas também as significações que eles atribuem a esses aspectos do cotidiano escolar. Através das entrevistas, procuramos explorar como esses adolescentes constroem suas experiências, como interpretam as práticas pedagógicas musicais e as relações interpessoais dentro e fora da comunidade escolar.

4. CONTEXTUALIZAÇÃO DE PESQUISA

4.1. MANAUS

Manaus, a capital do Amazonas, é uma cidade estratégica localizada no norte do Brasil, no meio da floresta amazônica. Sua fundação, no século XVII, visava garantir a presença portuguesa na região e consolidar o domínio lusitano.

(VIANA; SUDÉRIO, 2016, p. 2) , “relatam que a cidade atual é o superlativo da Manaus patrimonial erguida com o Ciclo da Borracha na região Norte, que personificava extremos sociais: fausto dos seringalistas e a quase-miséria dos seringueiros”. O primeiro marco da cidade foi a construção do Forte da Barra de São José, em 1669, idealizado pelo capitão de artilharia Francisco da Mota Falcão.

O ciclo da borracha, como destaca no final do século XIX, foi um dos períodos mais marcantes na história de Manaus. Durante esse período, a cidade experimentou um crescimento acelerado, atraindo uma grande migração de pessoas em busca de oportunidades. A riqueza gerada pela borracha possibilitou que os governantes e comerciantes locais contratassem arquitetos europeus para desenvolver um plano urbanístico ambicioso. Isso resultou em uma cidade com características arquitetônicas europeias, contrastando com seu entorno amazônico. (PORTO, 2016, p. 10), afirma que:

O desenvolvimento econômico incentivou a imigração para a região amazônica e trouxe à cidade de Manaus um enorme contingente de pessoas atraídas pela “promessa de riqueza”: espanhóis, ingleses, alemães, judeus, portugueses, entre outros, além de muitos trabalhadores vindos de diversas partes do Brasil, principalmente do Nordeste, que entre outros motivos tinham na “fuga da seca” uma razão para migração.

O auge da borracha trouxe prosperidade econômica para Manaus, mas também expôs a cidade a uma grande instabilidade quando o ciclo começou a declinar no início do século XX. Apesar da decadência da borracha, Manaus encontrou uma nova fonte de crescimento a partir da criação da Zona Franca de Manaus. Segundo (GUITARRARA, 2025, p. 6), "O processo de industrialização do estado e a retomada do dinamismo econômico aconteceram a partir de meados do século XX, quando se consolidou a criação da Zona Franca de Manaus. Dados do (IPAAN, 2025, p. 1), afirmam que: “Manaus é o município mais populoso do estado do Amazonas, com 2.063.547 habitantes”. sendo um centro econômico e cultural de grande importância. A trajetória de Manaus reflete não apenas os ciclos econômicos, como o da borracha, mas também a resiliência de sua população e sua constante reinvenção. Desde sua fundação até os dias atuais, a cidade tem se moldado de acordo com as mudanças globais e regionais, mantendo sua importância estratégica tanto no Brasil quanto no mundo.

Manaus possui uma significativa quantidade de bairros, distribuídos em zonas. Na tabela seguinte, destacamos alguns dos principais bairros de Manaus:

Tabela 2 - Bairros de Manaus organizados por zonas:

Zona	Bairros
Zona Norte	Cidade de Deus, Cidade Nova, Colônia Santo Antônio, Colônia Terra Nova, Lago Azul, Monte das Oliveiras, Nova Cidade, Novo Aleixo, Novo Israel, Santa Etelvina

Zona	Bairros
Zona Leste	Armando Mendes, Colônia Antônio Aleixo, Coroado, Distrito Industrial II, Gilberto Mestrinho, Jorge Teixeira, Mauazinho, Puraquequara, São José Operário, Tancredo Neves, Zumbi dos Palmares
Zona Sul	Betânia, Cachoeirinha, Centro, Colônia Oliveira Machado, Crespo, Distrito Industrial I, Educandos, Japiim, Morro da Liberdade, Nossa Senhora de Aparecida, Petrópolis, Praça 14 de Janeiro, Presidente Vargas, Raiz, Santa Luzia, São Francisco, São Lázaro, Vila Buriti
Zona Centro-Sul	Adrianópolis, Aleixo, Chapada, Flores, Nossa Senhora das Graças, Parque 10 de Novembro, São Geraldo
Zona Oeste	Compensa, Glória, Lírio do Vale, Nova Esperança, Ponta Negra, Santo Agostinho, Santo Antônio, São Jorge, São Raimundo, Tarumã, Tarumã-Açu, Vila da Prata
Zona Centro-Oeste	Alvorada, Bairro da Paz, Dom Pedro, Planalto, Redenção

Fonte: Elabora pelo autor – 2025

Vale ressaltar que o crescimento urbano de Manaus é muito dinâmico e intenso, aumentando de forma exponencial a população, exigindo ações imediatas dos governos para sanar problemas de toda ordem, o que transforma a dinâmica social da cidade, com novos bairros que se transformam em centros de atividades econômicas e sociais. (Fig. 2)

Figura 2 – Mapa do Município de Manaus



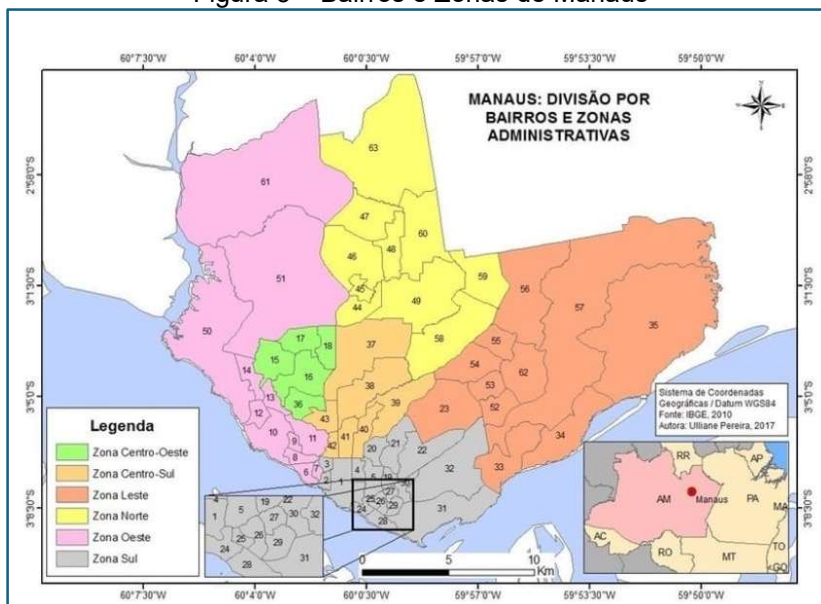
Fonte: IPAAM

4.2. ZONA LESTE

A Zona Leste de Manaus tem sua origem vinculada ao processo contínuo de expansão urbana da cidade, que se desenvolveu ao longo das últimas décadas, consolidando-se como uma importante área administrativa, com relevância sociocultural tanto para Manaus quanto para o estado do Amazonas. Essa zona vem passando por transformações significativas em termos sociodemográficos, econômicos e estruturais, que impactaram diretamente a qualidade de vida dos seus habitantes. Hoje, ela é um dos principais centros de desenvolvimento urbano e habitacional de Manaus.

Segundo os dados mais recentes do IBGE, a Zona Leste de Manaus conta com uma população estimada em aproximadamente 551.745 habitantes, distribuídos em 11 bairros, consolidando-se como a área mais populosa da cidade.

Figura 3 – Bairros e Zonas de Manaus



Fonte: IPAAM

4.3. BAIRRO JORGE TEIXEIRA/COMUNIDADE COLISEU

O bairro Jorge Teixeira é um dos bairros da Zona Leste de Manaus, no Estado do Amazonas. Sua história está intimamente ligada ao crescimento populacional da cidade nas últimas décadas, principalmente após a década de 1970. O bairro surgiu em meados dos anos 1980, em um contexto de expansão da cidade para áreas mais periféricas, impulsionada por uma migração crescente de pessoas vindas do interior do Amazonas e de outras partes do Brasil em busca de melhores condições de vida. O nome "Jorge Teixeira" foi dado em homenagem ao governador do estado do Amazonas "Jorge Teixeira de Oliveira", que foi um importante nome político da década de 1980 e teve grande influência na administração pública da região. Ele foi responsável por diversas obras e políticas que visavam à urbanização e à melhoria da infraestrutura de Manaus.

Nos primeiros anos de sua formação, o bairro era caracterizado por grandes áreas de terras pouco habitadas e com infraestrutura precária. No entanto, ao longo do tempo, o bairro passou por um processo de urbanização e, com isso, viu um aumento significativo no número de moradores.

Conforme noticiado no G1¹, o bairro é um verdadeiro reduto de famílias manauaras, além de abrigar uma grande variedade de pequenos e médios

¹ O G1 é o portal de notícias da rede globo de comunicação. <https://g1.globo.com/institucional/sobre-o-g1.ghtml>

comércios que impulsionam a economia local. De acordo com a Perspectiva, Censo 2022. O bairro Jorge Teixeira abriga uma população diversificada e espalhada por diversas comunidades e é um dos maiores da Zona Leste.

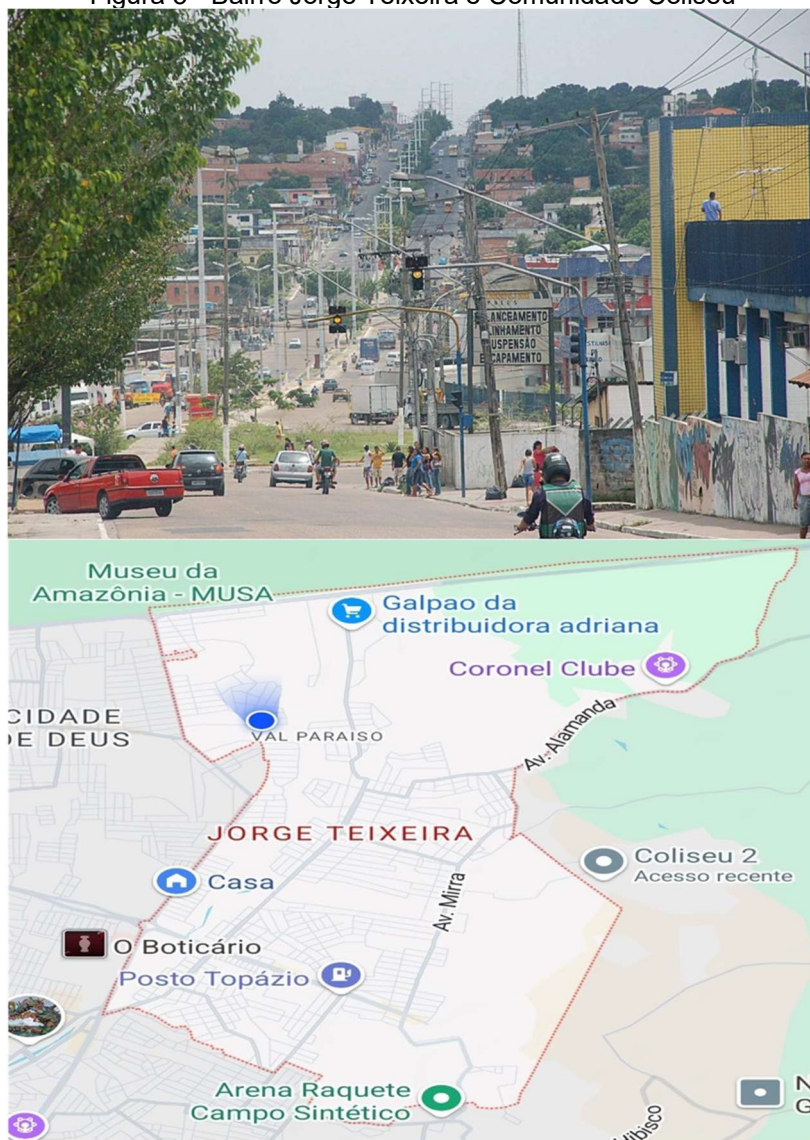
Figura 4 - Dados Populacionais e Domiciliares Por Bairros



Fonte: Perspectiva, Censo 2022

Dentro desse território, localiza-se a Comunidade Coliseu, fundada em 14 de março de 1989, durante a gestão do prefeito Arthur Virgílio Neto. Na comunidade, encontra-se o CIME Prof. Dr. José Aldemir de Oliveira, um Centro Integrado de Educação Integral, destinado a atender não apenas os moradores da região, mas também as áreas vizinhas. Segundo o (portalmulheramazonica.com.br) recentemente, em agosto de 2024, a Prefeitura de Manaus iniciou o asfaltamento das ruas da Comunidade Coliseu 3, beneficiando cerca de duas mil pessoas e melhorando a mobilidade e qualidade de vida na área.

Figura 5 - Bairro Jorge Teixeira e Comunidade Coliseu



Fonte: Google Maps

4.4. CIME PROF. DR. JOSÉ ALDEMIR DE OLIVEIRA

O Centro Integrado Municipal de Educação Professor Dr. José Aldemir de Oliveira começou suas atividades no dia 7 de fevereiro de 2020. Esse centro educacional foi concebido pela Prefeitura de Manaus, em colaboração com o Banco Mundial, com o objetivo de oferecer à população de Manaus uma escola que conta com infraestrutura de padrão internacional e uma proposta pedagógica moderna, voltada para a implementação de uma educação inovadora, humanizada e eficaz.

Figura 6 – Faixada do CIME Prof. Dr. José Aldemir de Oliveira



Fonte: Arquivos de Alex Pazuello/Semcom

A escola é um lugar de compartilhamento de experiências coletivas, em que as experiências educativas propostas e acolhidas devem dialogar com a ideia de justiça social. Se nesse lugar a construção de conhecimento é coletiva, ela deve acontecer com e para a diversidade presente nessa coletividade.

Nesse sentido, o CIME Prof. Dr. José Aldemir de Oliveira foi a primeira unidade do tipo a ser inaugurada, funcionando como o projeto piloto da criação dos CIMES na cidade de Manaus. Essas escolas estão localizadas em áreas de alta vulnerabilidade social, como é o caso deste CIME, que está situado entre o ramal do Brasileirinho (zona rural) e a comunidade do Coliseu I, II e III (zona urbana). Dessa forma, os alunos atendidos provêm dessas duas localidades, o que resulta em uma rica troca de culturas. A escola foi inaugurada durante a gestão do prefeito Arthur Virgílio Neto, que considerava essa obra como um de seus maiores feitos e legados em sua trajetória como gestor público.

No dia da Inauguração, conforme noticiado pelo portal amazonas atual (2020), o CIME Professor Doutor José Aldemir de Oliveira é pioneiro na capital em oferecer salas de música, leitura, multiuso, informática, vestiários masculino e feminino, brinquedoteca, 12 salas de aula em cada um dos prédios, jardins e espaços compartilhados, como a quadra de esporte coberta e auditório. O prédio do ensino fundamental é de dois andares, mas oferece uma plataforma elevatória para pessoas com dificuldades de locomoção.

A gestão do CIME, está sob a liderança da gestora Zilene Maia Trovão, e tem como pilares a dedicação ao desenvolvimento educacional e à melhoria constante do ambiente escolar. Contando também com a colaboração das pedagogas Elizabeth de Lima Macêdo e Maria Emília Batista Picanço, a escola busca garantir a formação de qualidade dos alunos, sempre com foco em práticas pedagógicas inovadoras e inclusivas. O secretário Antônio Claudio Nunes da Silva desempenha um papel fundamental na articulação entre a administração e os processos educativos, buscando sempre a eficiência e a integração das ações da escola com a comunidade.

O nome do CIME foi escolhido em homenagem ao professor Dr. José Aldemir de Oliveira, uma figura ilustre que dedicou sua vida à educação. Em sua trajetória, ele foi reitor da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), Secretário de Estado de Ciência e Tecnologia, presidente da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM), e atuou como professor nos Programas de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia e Geografia da UFAM. Além disso, foi líder do Núcleo de Estudos e Pesquisas das Cidades da Amazônia (NEPECAB). Com mais de 40 anos de carreira, deixou um legado de intensa dedicação à pesquisa sobre o desenvolvimento social e econômico da Amazônia.

Tabela 3 - Espaços

Ambientes	QT	Ambiente	QT	Ambiente	QT
Sala de Direção	02	Auditório	01	Almoxarifado	02
Secretaria	02	Salas de Aula	24	Depósito de Merenda	02
Sala da Coordenação Pedagógica	02	Lactário (creche)	0	Cozinha	02
Sala dos Professores	02	Solário	01	Banheiro (alunos)	06
Biblioteca	01	Brinquedoteca	01	Banheiro(alunas)	06
Sala de leitura	01	Telecentro	01	Horta Escola	0
Sala Multiprofissional	01	Fraldário	0	Banheiro (funcionários)	07
Sala de Recurso		Escovódromo	0	Quadra Esportiva	01
Sala de Recurso Multifuncional	0	Consultório Odontológico	0	Refeitório	02
Rampas de acessibilidade	0				

Fonte: PPP 2022 do CIME José Aldemir

Tabela 4 – Quantitativo de turmas e alunos:

Ano/Fase/ Série	Turma	Nº De Alunos	Turno			
			MAT	VESP.	NOT	INTEG
1º Período	A	25	X			
1º Período	B	25	X			
1º Período	C	25		X		
1º Período	D	23		X		
2º período	A	24	X			
2º período	B	25	X			
2º período	C	24	X			
2º período	D	24	X			
2º período	E	26	X			
2º período	F	20		X		
2º período	G	21		X		
2º período	H	19		X		

2º periodo	I	18		X		
2º periodo	J	18		X		
1º ano	A	22	X			
1º ano	B	22	X			
1º ano	C	26	X			
1º ano	D	24	X			
1º ano	E	24	X			
1º ano	F	23	X			
1º ano	G	22	X			
1º ano	H	24		X		
1º ano	I	25		X		
1º ano	J	26		X		
1º ano	K	26		X		
1º ano	L	25		X		
1º ano	M	26		X		
2º ano	A	35	X			
2º ano	B	36	X			
2º ano	C	38	X			
3º ano	A	35	X			
3º ano	B	35	X			
4º ano	A	35	X			
4º ano	B	36	X			
4º ano	C	35	X			
5º ano	A	35	X			
5º ano	B	37	X			
6º ano	A	30		X		
6º ano	B	28		X		
6º ano	C	29		X		
7º ano	A	28		X		
7º ano	B	28		X		
7º ano	C	28		X		
8º ano	A	20		X		
8º ano	B	20		X		
8º ano	C	18		X		
9º ano	A	26		X		
9º ano	B	25		X		

Fonte: PPP 2022 do CIME José Aldemir

5. REFERENCIAL TEÓRICO

5.1. ENSINO INTEGRAL – TEMPO INTEGRAL

A educação é um dos pilares mais importantes para a formação de indivíduos preparados para os desafios do século XXI. De acordo com (PICANÇO; GALINDO, 2020, p. 100).

Percebe-se assim, que de acordo com essa nova proposta das políticas públicas a educação vai, além da sala de aula, com uma integração abrangente entre escola e comunidade, sendo o espaço do conhecimento com um caráter inovador, formando integralmente as pessoas, exigindo um preparo técnico-político e formação de todos os agentes que fazem parte do processo educacional. Com isso, no cenário educacional atual, dois modelos pedagógicos se destacam por suas abordagens distintas: o ensino integral e a escola de tempo integral.

Embora ambos visem o desenvolvimento global dos alunos, suas propostas e práticas possuem características e objetivos diferentes, que impactam a formação dos estudantes de maneiras diversas. O ensino integral é um modelo que busca uma formação holística, abrangendo os aspectos cognitivos, emocionais, sociais e culturais dos alunos. Ele se preocupa em promover uma educação que favorece o desenvolvimento completo do estudante, com ênfase na construção de competências para a vida. Segundo (CARDOSO; OLIVEIRA, 2020, p. 2027).

A temática da educação integral em tempo integral por diversas vezes ocupou a agenda político-educacional, no entanto, a primeira experiência concreta surgiu em 1950, com o Centro Educacional Carneiro Ribeiro (CECR), seguido posteriormente pelo Centro Educacional Elementar (CEE), os Ginásios Vocacionais, passando pelos famosos Centros Integrados de Educação Pública (CIEPs), o Programa de Formação Integral da Criança (PROFIC) e os Centros Integrados de Atendimento à Criança (CIACs). Tais experiências decorreram do interesse de alguns estados e municípios, por vezes, com a participação de organizações da sociedade civil”.

No CIME Prof. Dr. José Aldemir de Oliveira, a proposta pedagógica é baseada no ensino integral. A escola não apenas amplia o tempo de permanência dos alunos, mas promove um modelo educacional que busca integrar as diversas dimensões do aprendizado, indo além do conteúdo curricular tradicional.

Por meio de atividades como o ensino coletivo de violão integrado as aulas de Artes, a instituição oportuniza por meio das aulas de artes um ambiente de aprendizagem onde as habilidades cognitivas, sociais e emocionais dos alunos são igualmente valorizadas. como uma Instituição de Ensino Integral, o CIME busca construir uma formação que considera a totalidade do estudante,

fomentando seu desenvolvimento de forma equilibrada. Isso inclui a promoção de práticas culturais, esportivas e de convivência, criando um espaço onde os alunos podem se expressar, refletir, colaborar e aprender a ser cidadãos responsáveis. (ROVERONI; MOMMA; GUIMARÃES, 2019, p. 232) afirma que:

Essa concepção é primordial para balizar a construção do currículo e do tempo escolar, se não se apreende o objeto somente porque ele existe no mundo da realidade, torna-se responsabilidade da escola significar esse objeto, para que daí decorra um conjunto de situações (atividades mediadas) necessárias para o aprender.

Conforme afirmam (FÁVERO et al., 2024, p. 4). Cintando Cardoso; Oliveira, 2020: “Educação integral é um termo que carrega uma polissemia de conceitos e de concepções decorrentes de diferentes abordagens ideológicas e políticas de distintas tradições, tanto no tempo atual quanto em outros períodos da educação brasileira”.

A principal diferença entre o ensino integral e a escola de tempo integral reside na abordagem do desenvolvimento do aluno. No ensino de tempo integral, o foco está na ampliação do tempo escolar, buscando um aumento da carga horária para proporcionar mais oportunidades de aprendizado e atividades complementares. Já no ensino integral, o foco é a formação do estudante de maneira mais ampla, em que o tempo escolar é usado para promover um desenvolvimento mais equilibrado, considerando não só as competências escolares, mas também as sociais, emocionais e culturais.

O CIME se destaca ao adotar uma abordagem de ensino integral, que valoriza tanto a formação escolar quanto o desenvolvimento pessoal dos estudantes. Isso é evidente em práticas como as aulas de ensino coletivo de violão e de outras modalidades desportivas, onde os alunos não apenas aprendem a técnica do instrumento, mas também se envolvem em atividades que promovem a interação social e o desenvolvimento de competências emocionais, conforme afirma (ALMEIDA, 2022, p. 9) “A literatura, a arte a dança e toda forma de expressão artística, visa a manifestação individual e coletiva de um povo e de uma cultura”.

A música, como atividade educativa, é uma das ferramentas do CIME para fortalecer a interdisciplinaridade e proporcionar aos alunos uma educação mais completa e integrada, conforme destaca (HASS, 2003, p. 64)

A música possui um caráter de natureza interdisciplinar, pois ela relaciona-se com as disciplinas do ensino regular, assim como está presente e atuante no cotidiano. Para compreender a heterogeneidade, reconheceram-se três categorias a serem tratadas em sala de aula: crianças com dificuldade no aprendizado musical; crianças que vêm à escola para serem musicalizadas e que nem sempre se encaminham para o estudo posterior da música; e crianças talentosas com grande potencial para continuar seus estudos.

Portanto, a interdisciplinaridade, no contexto do CIME, é um ponto essencial para entender a proposta pedagógica da instituição e como ela impacta a formação dos alunos. Ao adotar uma abordagem integral, a escola proporciona aos estudantes um aprendizado que vai além da simples aquisição de conteúdo curricular, preparando-os para os desafios da vida de uma maneira mais ampla e significativa.

O modelo de educação integral busca preparar os alunos para os desafios do século XXI, promovendo competências para a vida, como habilidades socioemocionais e valores de cidadania. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), estabelecida pelo Ministério da Educação, reforça essa abordagem ao sugerir que a educação não deve se limitar ao ensino de conteúdos curriculares, mas integrar práticas que favoreçam o desenvolvimento integral dos alunos, através de uma aprendizagem que considera todas as dimensões do ser humano.

O CIME é um exemplo claro de como a educação integral pode ser aplicada no município de Manaus, oferecendo aos seus alunos um ambiente de aprendizagem completo e integrador, o CIME se destaca como uma referência em Manaus nesse processo, mostrando como é possível aplicar práticas pedagógicas inovadoras que atendem a todos os aspectos do desenvolvimento humano, conforme previsto pela BNCC, conforme afirma. (CALAZANS; SILVA; NUNES, 2021, p. 655–656)

À Base que é formulada por habilidades e competências e preconiza uma determinada concepção de educação, pois está sujeita às escolhas políticas e éticas de que, naquele momento, assume o governo. Isto se torna mais verossímil ao ponderar que a educação no Brasil é baseada, predominantemente, por uma política de governo e não por uma política de Estado.

A BNCC, ao ser implementada, propõe que as escolas devem oferecer oportunidades para os alunos desenvolverem suas capacidades cognitivas e, ao mesmo tempo, suas habilidades interpessoais e emocionais. Esse movimento se alinha com o conceito de educação integral, que defende a educação como um processo contínuo e interconectado, englobando várias áreas de saber e práticas. A partir dessa perspectiva, a educação integral e a BNCC se complementam, com ambas buscando a formação de cidadãos mais preparados para a convivência social e para os desafios do mundo contemporâneo.

5.2. O ENSINO COLETIVO DE INSTRUMENTOS MUSICAIS

O ensino coletivo de instrumentos musicais tem se consolidado como uma alternativa eficaz e democrática à formação musical tradicional. Essa abordagem, ao privilegiar a aprendizagem em grupo, favorece o desenvolvimento de habilidades musicais e sociais simultaneamente, promovendo uma experiência mais rica e integrada. Em vez de focar exclusivamente na técnica individual, o ensino coletivo valoriza a troca entre os

participantes e o aprendizado colaborativo, criando um ambiente que estimula a motivação e o engajamento dos alunos. Conforme afirma (LIMA, 2022, p. 17). “O ensino e aprendizagem musical, especialmente no contexto coletivo, além de mediar um conhecimento cultural, trabalha a concentração, a disciplina, a memorização, a independência, a interação social etc.”

Além de desenvolver a musicalidade, essa prática estimula competências socioemocionais como empatia, disciplina e cooperação. Participar de um grupo musical exige escuta ativa, respeito ao tempo e ao espaço do outro e senso de responsabilidade coletiva. Esses valores, quando trabalhados desde cedo, contribuem para a formação de cidadãos mais conscientes e preparados para a convivência em sociedade. O ensino coletivo, portanto, extrapola a música e atua como um instrumento de transformação social.

5.3. O ENSINO COLETIVO DE VIOLÃO

O ensino coletivo de violão é uma prática pedagógica que vem ganhando cada vez mais relevância no cenário educacional. Trata-se de uma metodologia em que os alunos aprendem a tocar o instrumento em grupo, ao invés de aulas individualizadas, promovendo não apenas o desenvolvimento técnico, mas também a socialização, a cooperação e a troca de experiências entre os participantes. Segundo afirmam KRATUS STIFFT e MAFFIOLETTI, 2004, citado por (QUEIROZ, 2015, p. 21)

O ensino coletivo de violão no contexto de sala de aula, vai muito além da simples aprendizagem de acordes ou melodias; ele representa um verdadeiro aliado que promove a integração, o aprendizado em equipe dos alunos e o desenvolvimento e crescimento de cada estudante. Diante desse contexto à criatividade em Música, propõe as seguintes modalidades:

- Exploração: o ato do indivíduo tocar o instrumento sem compreender o som enquanto resultado de sua ação;
- Improvisação: relacionamento consciente do som às ações do indivíduo – ouvindo internamente e organizando-o no uso de padrões, constituindo o produto;
- Composição: o indivíduo, em reflexão às suas ideias musicais, as avalia e modifica quando julga necessário – com isso, alterando o produto.

Ao aprender em grupo, os alunos compartilham experiências, observam diferentes formas de execução e constroem conhecimento de maneira colaborativa, fortalecendo não apenas habilidades musicais, mas também competências socioemocionais como paciência, respeito ao tempo do outro e cooperação. Essa dinâmica coletiva amplia o repertório de referências de cada estudante, permitindo que cada um aprenda também a partir das estratégias, dificuldades e avanços dos colegas. Como afirma (FREIRE, 1987, p. 39), “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo”, destacando o caráter profundamente social do aprender em conjunto.

Além disso, o violão coletivo cria um ambiente no qual o erro deixa de ser motivo de punição e passa a ser entendido como parte natural do processo de aprendizagem. A música, quando vivenciada em grupo, favorece a expressão, o diálogo e o acolhimento, promovendo um espaço seguro para que todos se sintam pertencentes.

Nessa perspectiva (VYGOTSKI, S.D, p. 61), lembra que “o aprendizado adequadamente organizado resulta em desenvolvimento mental e põe em movimento vários processos de desenvolvimento”, enfatizando que a interação entre pares é um motor essencial na evolução das competências individuais.

Portanto, o violão coletivo não apenas ensina música, mas também educa para a convivência, o respeito mútuo e o protagonismo estudantil. Ele contribui para formar sujeitos mais sensíveis, críticos e colaborativos, capazes de atuar de forma criativa e responsável em seu contexto social. Dessa forma, o ensino coletivo de violão se apresenta como uma prática pedagógica integral, que articula técnica, sensibilidade e valores humanos, ampliando o alcance formativo da educação musical.

6. ENSINO COLETIVO DE VIOLÃO NAS AULAS DE ARTES DO 7º ANO EM UMA ESCOLA DE EDUCAÇÃO INTEGRAL

A metodologia que adotamos para nossa pesquisa é a Design Based Research (DBR), que promove uma abordagem prática, reflexiva e inovadora ao articular teoria e prática de maneira integrada. Essa metodologia tem como principal característica o desenvolvimento de intervenções educacionais em contextos reais de aprendizagem, permitindo ajustes constantes ao longo do processo. Segundo (REIS; STROHSCHOEN, 2023, p. 67)

O papel do pesquisador é diferente daquele que é comum na pesquisa educacional tradicional. O pesquisador vai se colocar como um participante ativo do projeto. Ele é o primeiro a moldar seu objeto de dentro do processo, se responsabilizando pelo teste e pela implementação da intervenção e ainda sendo capaz de desenvolver e justificar uma nova abordagem didática.

Ao valorizar a construção conjunta do conhecimento, a DBR se alinha aos princípios do construtivismo, nos quais o aluno deixa de ser um receptor passivo de informações para se tornar agente ativo no seu próprio processo de aprendizagem.

Baseado nessa metodologia, iniciamos a pesquisa sobre o ensino coletivo de violão, integrada à disciplina de Artes no contexto escolar. A abordagem que realizamos, não se tratou de uma ação isolada, mas de uma proposta planejada com intencionalidade pedagógica e foco na experimentação prática aliada à reflexão teórica. O objetivo principal foi investigar, de forma sistemática, os processos envolvidos no ensino-aprendizagem musical, considerando aspectos cognitivos, emocionais, sociais e culturais dos estudantes.

Além disso, analisamos as interações dos alunos em sala de aula, e com isso foi possível identificar avanços significativos com a participação dos estudantes, no trabalho colaborativo e no interesse pela linguagem musical. Dessa forma, a proposta se configurou como um campo fértil para a produção de conhecimento pedagógico e artístico no ambiente escolar.

A pesquisa foi implantada com turmas do 6º ano do Ensino Fundamental e prosseguida em 2025 com as turmas do 7º ano, permitindo acompanhar o desenvolvimento musical e humano dos estudantes ao longo de dois anos consecutivos. A metodologia foi aplicada dentro do horário regular das aulas de artes, como parte efetiva do currículo escolar, e estruturada em três fases complementares: apreciação musical, percepção musical prática instrumental e performance. Com repertório de música popular brasileira, especificando o ritmo baião.

A sala de música do **CIME Prof. Dr. José Aldemir de Oliveira**, embora existente há alguns anos, permanecia silenciosa e pouco utilizada. O ambiente, amplo e arejado, guardava um potencial evidente para o desenvolvimento artístico dos estudantes, mas a ausência de instrumentos musicais e de materiais pedagógicos impedia que sua função educativa se concretizasse. As paredes, antes vazias, e os armários pouco ocupados refletiam a necessidade urgente de revitalização para que o espaço pudesse, enfim, ganhar vida.

Sensível a essa realidade, a gestão do CIME Prof. Dr. José Aldemir de Oliveira assumiu o compromisso de transformar o ambiente. Com dedicação e olhar atento às necessidades pedagógicas, mobilizou esforços para adquirir uma nova lousa, organizar o mobiliário e providenciar os materiais indispensáveis para o funcionamento adequado das aulas de música. Cada item obtido representou um passo importante em direção à reativação do espaço, que aos poucos foi ganhando forma e propósito.

O projeto tomou um novo impulso quando outras unidades da rede municipal enviaram doações de violões que estavam fora de uso. Esses instrumentos, antes guardados e esquecidos em depósitos, chegaram ao CIME Prof. Dr. José Aldemir de Oliveira como verdadeiros presentes, trazendo novas possibilidades de criação e aprendizado.

A chegada dos violões trouxe movimento ao espaço: seus sons passaram a preencher a sala e deram início a uma proposta pedagógica que valorizava recursos públicos já existentes e, sobretudo, colocava a música a serviço da aprendizagem.

Ao longo desse processo, a participação de professores, alunos e funcionários foi marcante. Os professores, atentos e compreensivos, colaboraram na disponibilização dos alunos das aulas quando era necessário realizar ensaios. Os funcionários atuaram cuidadosamente na limpeza, reorganização e adequação da sala, garantindo que o ambiente se tornasse acolhedor, seguro e funcional. Já os alunos, entusiasmados com as novas possibilidades, participaram ativamente na organização do espaço e demonstraram grande interesse pelas atividades musicais que se anunciavam.

Cada gesto — do simples ato de ajudar a arrumar cadeiras até a empolgação durante as primeiras práticas — revelava o quanto a comunidade escolar estava envolvida na construção desse novo capítulo.

Entre as ações colaborativas realizadas, uma das mais significativas foi a organização de uma rifa solidária. A iniciativa, surgida de conversas espontâneas entre professores e alunos, tinha como objetivo arrecadar recursos para a compra de suportes de parede que permitissem armazenar os violões de maneira adequada. A ideia ganhou força rapidamente, mobilizando famílias, estudantes, funcionários e toda a comunidade do CIME Prof. Dr. José Aldemir de Oliveira. A participação coletiva — desde a doação de itens para a rifa até a divulgação e venda dos bilhetes — revelou um forte espírito de união e pertencimento.

A campanha solidária não apenas possibilitou a aquisição dos suportes de parede, como também reforçou a importância da cooperação dentro da escola. O sucesso da ação demonstrou que, quando todos se mobilizam em prol de um objetivo comum, o resultado ultrapassa a simples conquista de materiais: ele fortalece vínculos, valoriza a escola e enriquece a vida escolar.

Hoje, a sala de música do **CIME Prof. Dr. José Aldemir de Oliveira** encontra-se renovada e vibrante. Os instrumentos agora ocupam seu espaço de maneira organizada, prontos para serem utilizados nas aulas, que acontecem em um ambiente preparado, acolhedor e inspirador. O som dos violões ecoa pelo corredor, revelando um espaço que não apenas foi recuperado, mas também ressignificado.

A revitalização da sala não representa apenas a melhoria de um ambiente físico: simboliza o poder do trabalho coletivo e o compromisso da comunidade escolar com a educação integral. Trata-se de um exemplo concreto de como a cooperação, o empenho e o envolvimento de todos — gestão, professores, alunos, funcionários e parceiros — podem transformar desafios em oportunidades e enriquecer profundamente o percurso formativo dos estudantes.

Os professores se envolveram não apenas na orientação dos alunos, mas também participaram da divulgação e da logística da rifa. Muitos deles contribuíram com prêmios, organizaram listas, ajudaram na venda dos bilhetes e incentivaram a participação de toda a escola. Já os alunos, com grande senso de responsabilidade e entusiasmo, abraçaram a causa, oferecendo-se voluntariamente para vender os números, conversar com suas famílias e explicar o propósito da arrecadação.

Graças a esse esforço coletivo, foi possível adquirir os suportes de parede, garantindo que os instrumentos fossem armazenados de forma segura, preservando sua integridade e facilitando o acesso durante as atividades pedagógicas. A experiência deixou um legado importante, mostrando que, quando há comprometimento e participação de todos, a escola se torna um espaço ainda mais vivo, criativo e transformador.

Figura 7 – Identificação da Sala de Música



Fonte: acervo autor: 2025

6.1. APRECIÇÃO MUSICAL

Fase 1 – Escuta e Apreciação Musical: Despertar o sentir e o pensar musical

A primeira etapa do projeto consistiu na sensibilização dos alunos por meio da escuta ativa. Essa fase teve como objetivo desenvolver a escuta crítica de músicas do cançãoeiro popular, o gosto musical e a compreensão dos elementos que compõem a linguagem musical.

Os estudantes participaram de momentos de apreciação guiada, análise de letras e ritmos, e debates sobre a diversidade de gêneros e suas representações culturais. Foram convidados diversos grupos musicais, que vieram à escola para realizar momentos de sala de concerto musical, tocando para os alunos.

Figura 8 - Escuta e Apreciação Musical



Fonte: acervo autor: 2025

Essas apresentações proporcionaram experiências sonoras profundamente enriquecedoras, permitindo aos estudantes não apenas ouvir, mas **vivenciar** diferentes formas de expressão musical. A cada encontro, os alunos foram convidados a mergulhar em universos sonoros variados, ampliando seu repertório cultural e fortalecendo sua capacidade de compreensão estética. Cada grupo artístico trouxe consigo características únicas — desde o samba tradicional, com suas raízes históricas e ritmo contagiante, até manifestações contemporâneas como o rap, marcado pela poesia e denúncia social; o rock, com sua energia e experimentação sonora; e a música eletrônica, que explora novas tecnologias e formas de criação. Essa diversidade evidenciou que a música é múltipla, plural e profundamente ligada às identidades culturais.

Ao final de cada concerto, os músicos ainda estabeleceram um diálogo aberto e acolhedor com os alunos, explicando suas inspirações, apresentando seus instrumentos e contextualizando as histórias sociais, culturais e históricas por trás de suas obras. Esse contato direto com artistas permitiu que os estudantes compreendessem a música para além do entretenimento, reconhecendo-a como forma de expressão, comunicação e resistência.

A apreciação musical, vivenciada dessa forma, mostrou-se essencial para o aprendizado, pois desenvolve habilidades cognitivas e socioemocionais, estimula a sensibilidade artística, fortalece a atenção, a escuta ativa e amplia a compreensão de mundo. Ao ouvir diferentes estilos e estéticas, os alunos aprendem a identificar intenções expressivas, analisar ritmos, melodias e harmonias, além de refletir sobre os contextos que originam cada criação musical. Esse processo contribui significativamente para a formação crítica, para o desenvolvimento do respeito à diversidade e para a ampliação da capacidade de interpretação e argumentação.

Além das apresentações, foram promovidas oficinas práticas que complementaram a experiência de apreciação musical. Nesses momentos, os

estudantes puderam experimentar instrumentos, explorar timbres, criar pequenas composições e até participar de rodas de improviso, vivenciando na prática aquilo que haviam observado e analisado. Cada oficina reforçou habilidades importantes, como cooperação, criatividade, percepção sonora e expressão corporal.

Essas vivências coletivas contribuíram de modo decisivo para o desenvolvimento da escuta ativa, do senso crítico e da valorização da enorme diversidade cultural presente na música brasileira e mundial. Através da apreciação musical, os alunos não apenas aprenderam sobre música, mas também ampliaram suas visões de mundo, fortaleceram vínculos e desenvolveram competências que se refletem em diversas áreas de sua vida escolar e pessoal.

Essa proposta é desenvolvida logo nas primeiras semanas e permanece presente ao longo do ano letivo. Os alunos têm contato com diferentes gêneros e estilos musicais, especialmente aqueles nos quais o violão tem papel de destaque, como:

- Música popular brasileira (MPB),
- Sertanejo de raiz,
- Rock nacional,
- Música regional (como o carimbó e o boi-bumbá),
- Música erudita tocada por outros instrumentos e adaptada para o violão.

Atividades realizadas:

- Escuta ativa de obras musicais selecionadas;
- Análise das funções do violão em diferentes contextos musicais (acompanhamento, solo, harmonia);
- Discussões sobre os elementos sonoros percebidos (timbre, ritmo, andamento, melodia);
- Relação entre música, cultura e cotidiano dos alunos.

O objetivo da proposta é desenvolver o gosto musical, ampliar o repertório cultural e despertar o interesse pela prática musical, além de promover a escuta crítica e consciente.

6.2. PERCEPÇÃO MUSICAL

Fase 2 – Perceber e aprender a escutar o outro: todos somos um.

A capacidade de ouvir, identificar, interpretar e atribuir significado aos elementos sonoros presentes na música é conhecida como Percepção Musical— como ritmo, melodia, harmonia, timbre e forma é conhecida como Música. Essa habilidade não apenas amplia a sensibilidade estética dos alunos,

mas também contribui para o desenvolvimento cognitivo, da atenção, da memória auditiva e da expressão emocional.

Reconhecendo sua importância para o aprendizado, a proposta da percepção musical buscou ir além, promovendo uma escuta ativa, reflexiva e analítica. O objetivo foi proporcionar aos estudantes uma vivência musical completa, na qual a escuta crítica fosse parte essencial do processo educativo, permitindo a compreensão mais profunda das músicas executadas e ouvidas, e favorecendo a construção de um repertório cultural mais amplo e significativo e o mais importante, aprender a perceber o outro e respeitar os limites de cada um.

Ao longo das aulas, os estudantes foram orientados a identificar aspectos como ritmo, melodia, harmonia, dinâmica e timbre em diferentes estilos musicais. Para isso, foram utilizadas músicas de variados gêneros e épocas, com o intuito de ampliar o repertório e aproximar os conteúdos escolares do cotidiano dos alunos.

Para tornar o processo mais significativo, foram desenvolvidas atividades dinâmicas que estimulam a escuta ativa e a participação. Em algumas aulas, por exemplo, os alunos formaram pequenos grupos e receberam trechos de músicas para analisar, destacando quais elementos musicais estavam mais evidentes e apresentando suas conclusões para a turma.

Outra atividade envolveu jogos rítmicos: após ouvirem diferentes músicas, os estudantes reproduziram padrões de batidas usando palmas, instrumentos de percussão simples ou até objetos do ambiente escolar. Isso permitiu que percebessem variações de ritmo e dinâmica de um modo mais concreto e divertido.

Também foram realizadas propostas de "caça ao timbre", em que os alunos escutavam gravações com diversos instrumentos e tentavam identificá-los, associando sons a suas características visuais e funcionais. Em atividades ligadas à melodia e harmonia, os estudantes experimentaram cantar ou tocar linhas melódicas simples, comparando versões monofônicas e polifônicas para perceber como as vozes sonoras se combinam.

Essas práticas contribuíram para o desenvolvimento da percepção musical e ampliaram a compreensão dos estudantes sobre como os elementos da música se manifestam nas produções culturais que consomem diariamente.

Ao longo das aulas, os estudantes tiveram a oportunidade de explorar diferentes elementos da linguagem musical — ritmo, melodia, harmonia, dinâmica e timbre — a partir de um repertório variado e significativo. Para isso, foram selecionadas músicas de diferentes estilos, épocas e origens, possibilitando aos alunos ampliarem seus referenciais culturais e aproximar os conteúdos escolares das vivências sonoras presentes em seu cotidiano.

Entre os exemplos trabalhados em sala, destacam-se:

- **"Asa Branca" (Luiz Gonzaga)** – apresentada como referência da música nordestina, especialmente do baião. A canção foi utilizada para que os alunos identificassem suas características rítmicas marcantes e experimentassem no violão levadas tradicionais, reconhecendo a riqueza da cultura popular brasileira.
- **"Aquarela" (Toquinho)** – escolhida para explorar aspectos melódicos e harmônicos, permitindo que os estudantes percebessem mudanças de tonalidade, desenhos melódicos e combinações de acordes. A letra também serviu como ponto de partida para discussões sobre poesia, imaginação e sensibilidade artística.
- **"Tempo Perdido" (Legião Urbana)** – trabalhada como representante da música popular brasileira dos anos 80, abordando estrutura formal, mensagens sociais e características do rock nacional. Os alunos analisaram a construção rítmica e harmônica da canção e debateram seu contexto histórico.
- **"O Leãozinho" (Caetano Veloso)** – utilizada para desenvolver a escuta da harmonia em músicas suaves e melódicas. A canção permitiu um trabalho refinado de percepção, destacando camadas instrumentais, progressões de acordes e sutilezas vocais.
- **"Stand by Me" (Ben E. King)** – incluída como referência internacional, possibilitando aos estudantes identificar uma progressão de acordes simples e bastante difundida. A atividade envolveu reconhecer camadas sonoras, como baixo, voz principal e elementos percussivos, ampliando o olhar sobre produções musicais estrangeiras.
- **"Lanterna dos Afogados" (Paralamas do Sucesso)** – trabalhada para evidenciar o papel do ritmo e da dinâmica dentro do rock nacional. Os alunos compararam trechos mais suaves e momentos de maior intensidade, exercitando a escuta das variações sonoras e sua função expressiva.

Todas essas músicas foram analisadas inicialmente por meio da **escuta crítica**, em que os alunos discutiram em grupo os elementos musicais mais evidentes, as mensagens presentes nas letras e os contextos socioculturais de cada obra. Posteriormente, as canções foram praticadas **coletivamente no violão**, permitindo que os estudantes experimentassem diretamente a construção musical e consolidassem a compreensão adquirida na análise.

Além disso, a **percepção musical** foi constantemente estimulada por meio de atividades dinâmicas, como exercícios de identificação de timbres,

prática de padrões rítmicos, reprodução melódica por imitação e jogos de memória auditiva. Essas propostas desenvolveram a escuta interna dos alunos e ampliaram sua capacidade de reconhecer e comparar padrões sonoros, estabelecendo um diálogo contínuo com os demais eixos trabalhados em aula.

Assim, o estudo da música tornou-se não apenas um conteúdo, mas também um espaço de experimentação, sensibilidade e descoberta artística.

Atividades realizadas:

- Solfejos rítmicos e melódicos com percussão corporal;
- Identificação auditiva de intervalos e acordes básicos;
- Jogos musicais (como "adivinha a música" a partir de trechos tocados);
- Atividades de imitação e repetição de pequenos fragmentos melódicos e rítmicos.

Objetivo pedagógico: Preparar o ouvido musical dos alunos para a prática instrumental e para a leitura de cifras e tablaturas, facilitando o processo de aprendizagem coletiva.

Um aspecto relevante durante o processo, foi a valorização da música como linguagem artística e meio de expressão pessoal. Os alunos passaram a estabelecer conexões entre o conteúdo estudado e suas experiências cotidianas com a música, demonstrando maior consciência estética e cultural.

Figura 9 – Fase 2 – Perceber e aprender a escutar o outro



Fonte: acervo autor: 2025

6.3. PRÁTICA INSTRUMENTAL

Fase 3 – Estudo Técnico do Violão: Aprender fazendo, aprender com o outro

A terceira fase foi dedicada ao ensino do instrumento violão, com ênfase na prática coletiva. Nessa etapa, o processo teve início com a iniciação instrumental, na qual os alunos tiveram seu primeiro contato sistematizado com o violão: postura, manuseio básico, coordenação entre as mãos e produção sonora. A partir dessa base inicial, introduziram-se gradualmente explorações rítmicas e harmônicas, por meio de acordes simples, batidas variadas, leitura de cifras e pequenas sequências harmônicas que possibilitaram aos estudantes compreender, na prática, como ritmo e harmonia se articulam para sustentar o acompanhamento musical.

Esse percurso técnico e expressivo foi sempre desenvolvido em um ambiente de cooperação, em que o repertório coletivo teve papel central. A escolha das músicas — simples, acessíveis e significativas para o grupo — favoreceu tanto o engajamento quanto a percepção de pertencimento. Ao tocar juntos, os alunos exercitavam não apenas os conteúdos musicais, mas também a escuta atenta, o respeito ao tempo do outro e a coordenação conjunta, aspectos fundamentais do trabalho em grupo.

Durante essa etapa, alguns estudantes se identificaram profundamente com o violão, demonstrando interesse em continuar seus estudos para além da sala de aula, ampliando sua exploração rítmica, harmônica e criativa. Outros, mesmo sem prosseguir com a prática instrumental, vivenciaram momentos significativos de descoberta, expressão e convivência. Isso evidenciou que a experiência musical possui valor formativo intrínseco, independentemente de o aluno tornar-se ou não um executante a longo prazo. A vivência coletiva reforçou essa percepção, pois cada integrante contribuiu para o aprendizado do grupo e, simultaneamente, beneficiou-se dele.

O ensino coletivo, nesse contexto, constituiu-se tanto como objeto quanto como método da pesquisa. Buscou-se observar como a aprendizagem compartilhada favorece o engajamento, a autonomia, o senso de responsabilidade e o fortalecimento dos vínculos entre os estudantes. A evolução individual e coletiva foi registrada por meio de observações sistemáticas e anotações em diário de campo, destacando-se como os alunos, ao explorarem ritmo, harmonia e repertório em conjunto, construíram competências musicais e sociais.

Assim, este eixo central das aulas consolidou-se por meio de uma abordagem progressiva, colaborativa e sensível ao nível iniciante, respeitando o tempo e o ritmo de aprendizagem de cada aluno. Ao integrar iniciação instrumental, exploração rítmica e harmônica, repertório coletivo e trabalho em grupo, a metodologia possibilitou um desenvolvimento musical amplo, significativo e profundamente humano.

Fases da prática:

- **Iniciação:** Conhecimento do instrumento, postura correta, afinação, noções básicas de teoria musical aplicada ao violão (nomes das cordas, trastes, cifras e ritmos simples).
- **Exploração rítmica e harmônica:** Aprendizado dos primeiros acordes (como Em, C, G, D, Am), padrões de batida e levadas simples.
- **Repertório coletivo:** Execução de músicas populares com progressões harmônicas acessíveis e letras significativas para os alunos, geralmente escolhidas em conjunto.
- **Trabalho em grupo:** Formação de pequenos grupos para prática simultânea, com apoio mútuo entre os estudantes, promovendo a autonomia e o espírito colaborativo.

Materiais utilizados:

- Apostila didática com cifras ilustradas;
- Vídeos demonstrativos;
- Círculos harmônicos projetados em sala;
- Violões disponíveis pela escola para uso coletivo.

Objetivo pedagógico: Desenvolver habilidades técnicas básicas no violão, estimular a autonomia musical e o trabalho em equipe.

Figura 10 – Estudo Técnico do Instrumento Violão



Fonte: acervo autor: 2025

6.4. PERFORMANCE – FASE 4 – PROTAGONISMO E EXPRESSÃO.

Figura 11 – Construção coletiva, protagonismo e expressão



Fonte: acervo autor: 2025

A culminância da pesquisa concretiza-se na realização de apresentações públicas, momento em que os estudantes demonstram não apenas as habilidades técnicas adquiridas, mas também os frutos subjetivos e sociais proporcionados pela vivência musical em grupo — tais como autoconfiança, respeito mútuo, capacidade de trabalhar em equipe e sentimento de pertencimento à escola. Essas apresentações podem ocorrer por meio de pequenas mostras internas ou em eventos escolares maiores, nos quais o repertório desenvolvido ao longo do processo é compartilhado com a comunidade.

A importância desses resultados é profunda e multifacetada. A construção coletiva do repertório e sua apresentação final não apenas evidenciam o progresso musical dos alunos, mas também revelam transformações emocionais e sociais decorrentes da prática artística. O envolvimento ativo nas decisões, aliado à experiência de subir ao palco e representar o grupo, fortalece vínculos, amplia a autoestima e consolida o entendimento de que a música é uma ferramenta potente de integração e formação cidadã. Desse modo, a pesquisa demonstra que o trabalho com repertório coletivo ultrapassa o aprendizado técnico, tornando-se um processo formativo integral que valoriza identidade, participação e convivência.

Essa etapa foi marcada por ensaios colaborativos, organização das apresentações e definição conjunta dos papéis de cada aluno. A formação de repertório se tornou espaço de protagonismo, autonomia e expressão, onde os alunos não apenas tocavam, mas participavam ativamente das decisões artísticas e pedagógicas.

Figura 12 – Apresentações externas



Fonte: acervo autor: 2025

Formas de apresentação:

- Rodas musicais em sala de aula;
- Apresentações em datas comemorativas (Festa Junina, Semana da Arte, Mostra Cultural);
- Gravação de vídeos com arranjos coletivos;
- Participação em eventos interdisciplinares com outras turmas ou componentes.

Critérios trabalhados na performance:

- Afinação, ritmo, postura, concentração e participação.
- Foco no progresso individual e coletivo.

Objetivo pedagógico: Proporcionar uma experiência significativa de expressão artística, fortalecer a autoestima dos alunos e consolidar os conhecimentos adquiridos.

O que Observamos:

- Maior engajamento dos alunos nas aulas de Artes;
- Desenvolvimento da coordenação motora e da disciplina pessoal;
- Ampliação do repertório cultural e da sensibilidade musical;
- Criação de um ambiente de respeito, cooperação e criatividade.

Figura 13 – Apresentações internas



Fonte: acervo autor: 2025

6.4.1. AÇÃO PERFORMÁTICA

6.4.1.1. ENSAIOS E PRÁTICA COLETIVA

Ao longo dos ensaios, os alunos aprenderam não apenas a manter o pulso coletivo, mas também a compreender a importância para a coesão do grupo, percebemos que cada escolha rítmica influenciou no resultado da performance. Após as orientações e sugestões repassadas, os alunos passaram a seguir com mais segurança e atenção a condução do repertório, reconhecendo gestos, indicações de dinâmica e mudanças de andamento. Além disso, exploraram com segurança as funções dentro do conjunto — como melodia, base harmônica e apoio rítmico, entendendo as particularidades e responsabilidades de cada papel. E sem dúvida, o processo foi vivenciado de forma progressiva e colaborativa, fortalecendo a cooperação entre os participantes, além de ter desenvolvido a escuta sensível e consolidou a noção de responsabilidade compartilhada na construção musical coletiva.

Figura 14 - Apresentação dos alunos




Fonte: acervo autor: 2025

6.4.1.2. APRESENTAÇÃO DOS ALUNOS

O processo de construção do espetáculo musical que realizamos no CIME Prof. Dr. José Aldemir de Oliveira foi da seguinte maneira: organizamos um calendário de apresentações, no qual todas as turmas do Ensino Fundamental, do 6º ao 9º ano, assim como professores, pais e a coordenação escolar, pudessem assistir ao espetáculo na sala de música. Com a organização desse cronograma, buscamos garantir que cada grupo tivesse um momento exclusivo para apreciar o trabalho desenvolvido pelos alunos participantes, promovendo não apenas a valorização das práticas artísticas, mas também a integração entre os diferentes segmentos da comunidade escolar.

Figura 15 - Cronograma das apresentações

CRONOGRAMA DE APRESENTAÇÃO 2025		
PROJETO DESPERTAR PARA ARTE: ORQUESTRA DE VIOLÕES DO CIME		
DATA	TURMA	HORARIO
17/11/2025	1º e 3º ano Vespertino	2º Tempo
	6º ano A - Vespertino	3º Tempo
18/11/2025	6º C – 7º A	1º Tempo
	9º B e 5ºB	2º Tempo
	8º C e 5º C	3º Tempo
19/11/2025	8º A e B	1º Tempo
	6ºB e 7ºB	2º Tempo
	Professores e Funcionários	4º Tempo
21/11/2025	2º ano Vespertino	1º Tempo
	7º C	2º Tempo
	9º A	3º Tempo
24/11/2025	Apresentação para os Pais	1º ao 3º Tempo
25/11/2025	Apresentação da Orquestra de Câmara de Manaus. (Convidados)	4º e 5º Tempo

PROJETO DESPERTAR PARA ARTE: ORQUESTRA DE VIOLÕES DO CIME PROF. DE. JOSÉ ALDEMIR DE OLIVEIRA	
APRESENTA: Raízes do Brasil	
Músicas: <ol style="list-style-type: none"> 1- 9ª Sinfonia de Bethovem 2- Brilha, Brilha Estrelinha 3- Cordilheira dos Andes 4- Eu Só Quero um Xodó 5- Anunciação 6- Asa Branca 	
	
Apresentações na Sala de Música da Escola	

Fonte: acervo autor: 2025

Durante as semanas que antecederam as apresentações, realizamos ensaios regulares, sempre focados no espetáculo. Nesses encontros, trabalhamos aspectos como, afinação, expressão e consciência rítmica, sempre com o objetivo de construir uma performance coletiva harmoniosa e significativa.

Além disso, houve um cuidado especial com a ambientação da sala de música, que foi preparada para proporcionar uma experiência mais imersiva ao público. Iluminação, disposição dos instrumentos e adequação acústica foram pensados para garantir a melhor qualidade possível do espetáculo.

Durante as semanas que antecederam as apresentações, realizamos ensaios regulares, sempre focados no espetáculo. Nesses encontros, trabalhamos aspectos como, afinação, expressão e consciência rítmica, sempre com o objetivo de construir uma performance coletiva harmoniosa e significativa.

Além disso, houve um cuidado especial com a ambientação da sala de música, que foi preparada para proporcionar uma experiência mais imersiva ao público. Iluminação, disposição dos instrumentos e adequação acústica foram pensados para garantir a melhor qualidade possível do espetáculo.

Figura 16 - Momento Inicial da apresentação



Fonte: acervo autor: 2025

O ensino coletivo proporcionou momentos de troca entre os alunos, que aprenderam não apenas por meio da instrução direta do professor, mas também pela observação dos colegas, pela correção conjunta e pelo incentivo mútuo. Com o passar do tempo, houve um evidente avanço técnico e musical, acompanhado de maior confiança e autonomia por parte da turma.

Figura 17 - Apresentação para os professores



Fonte: acervo autor: 2025

Ao final do processo, pudemos observar não apenas o desenvolvimento técnico dos alunos, mas também sua evolução em aspectos como autoconfiança, disciplina e senso de colaboração. O espetáculo, portanto, representou uma síntese desse percurso formativo, evidenciando o potencial transformador da educação musical no contexto escolar.

6.4.1.3. REPERTÓRIO TRABALHADO E SEU RELEVO ARTÍSTICO-CULTURAL

Ao longo da pesquisa musical, foi selecionado um repertório variado, abrangendo obras da música nordestina, popular brasileira, amazônica e da música erudita. Cada canção contribuiu de maneira significativa para o processo de aprendizagem.

6.4.1.4. DESCRIÇÃO DAS MÚSICAS ESTUDADAS

- “Asa Branca” – Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira
Composta em 1947, é um marco do forró e um dos maiores símbolos da cultura nordestina. Sua letra retrata a seca e a saudade, possibilitando discussões sobre temas sociais, culturais e históricos.

https://youtu.be/5ta3i4Bjgtg?si=VM7_IWfhcU-bYC2f

- “Anunciação” – Alceu Valença
Lançada em 1983, tornou-se um hino da música popular brasileira. Sua melodia leve ajudou os alunos a desenvolver transições de acordes e batidas mais fluídas.

<https://youtu.be/APLiEj2z2tg?si=s5bNwvANwsyZrKMA>

- “Eu Só Quero um Xodó” – Dominguinhos e Anastácia
De 1973, essa obra traz a suavidade do xote e apresenta características rítmicas típicas do forró, favorecendo a prática de levadas regionais.

https://youtu.be/7cf19_e6GqY?si=eTzb6iuhnloueoCY

- “Goteira dos Andes” – Grupo Raíces Caboclas

Com influências amazônicas e andinas, a música aproximou os estudantes da cultura regional, estimulando o reconhecimento de sua identidade musical local.
<https://youtu.be/aakNAbjJGv4?si=oSHdZ9Hxe40dZIZY>

- “Brilha, Estrelinha” – Canção tradicional

Foi a primeira música estudada, utilizada para desenvolver dedilhado inicial e coordenação entre as mãos.

<https://youtu.be/hsF5Yd3bYhg?si=pRqpNM2aDi1qZea7>

6.4.2. RESULTADO PERFORMÁTICO

Figura 18 - Apresentação para a turma do Primeiro Ano - Fundamental I



Fonte: acervo autor: 2025

O espetáculo final consolidou e evidenciou os resultados da pesquisa desenvolvida no CIME Prof. Dr. José Aldemir de Oliveira, confirmando a efetividade do trabalho realizado ao longo do projeto. As músicas apresentadas traduziram não apenas o domínio técnico alcançado pelos estudantes, mas também o crescimento emocional, a autoconfiança e a maturidade artística construídos durante o processo. A qualidade das execuções, marcada por atenção, sensibilidade e envolvimento coletivo, demonstrou de forma concreta o impacto das práticas investigadas.

Os avanços observados ao longo da pesquisa confirmam que o ensino coletivo de violão constitui uma abordagem potente, inclusiva e transformadora. A experiência proporcionou ampliação da sensibilidade artística, enriquecimento do repertório cultural e fortalecimento das relações de convivência entre os alunos. Em síntese, os resultados alcançados reafirmam o papel fundamental da Arte na formação humana e evidenciam que a proposta desenvolvida no CIME

Prof. Dr. José Aldemir de Oliveira contribuiu de maneira significativa para a construção de práticas educativas mais integradoras, sensíveis e inovadoras.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inclusão da música no currículo escolar, permite o desenvolvimento de habilidades sociais, contribuindo para a formação integral dos alunos. Esse panorama revela que o violão se tornou uma atividade acessível a alunos de diferentes idades, proporcionando uma rica troca de experiências e aprendizados. Como destacam (BRASILIANO; CASTRO; SOUZA, 2014, p. 5) .

A música se configura como uma importante ferramenta no processo inclusivo, pois assim como a inclusão, rompe com paradigmas e atitudes que sustentam e alimentam a inércia das escolas e dos sujeitos nela contidos, contesta os sistemas educacionais em seus fundamentos e bases estruturais, questiona, burla moldes e modelos, reflete a fixação de padrões, as especificidades dos alunos, refuta a seletividade, produz e pensa a construção de identidades e personalidades, e com isso modifica, faz a inversão entre inserção e inclusão.

Durante a execução de nossa pesquisa, percebemos que as aulas de ensino coletivo de violão têm atraído a atenção dos estudantes e se consolidando como uma prática pedagógica que contribui significativamente para o crescimento intelectual e emocional dos estudantes, promovendo a interação em alunos e professores. Estudos recentes destacam como a música favorece a formação de habilidades cognitivas e sociais nos alunos. De acordo com (PEREIRA et al., 2022, p. 22):

[...] quando o educador é capaz de identificar com clareza os fatores que causam, por exemplo, manifestações emocionais, que por sua vez geram impacto na atividade intelectual, ele terá mais possibilidades de controlá-las e, por conseguinte, encontrar caminhos para solucioná-las.

Por outro lado (DIAS et al., 2023, p. 4)destacam:

O meio influencia o comportamento, as causas que influenciam o comportamento dos alunos são diversas. Nesse sentido, destacam-se os seguintes elementos que influenciam o comportamento do aluno: família, cultura, classe social, recursos econômicos, aspectos emocionais, mídia, aspectos sociais e psicossociais. No processo de interação o ser humano influencia e é influenciado, ensina e aprende de modo formal ou informal, utilizando os sentidos. Alguns aprendem mais com a audição, outros não possuem audição; alguns aprendem mais com a visão, outros não possuem visão.

O ensino coletivo de violão promove a interdisciplinaridade ao integrar áreas como música, matemática e linguagem, enriquecendo o aprendizado dos alunos. A prática do violão desenvolve habilidades cognitivas que podem ser aplicadas em outras disciplinas, como raciocínio lógico e interpretação. Além disso, o trabalho em grupo fortalece a colaboração e as competências sociais, tornando a aprendizagem mais significativa e conectada. (ARAUJO et al., 2024, p. 7) destaca que “a integração da música como recurso pedagógico oferece uma abordagem inovadora para enriquecer o ensino, promovendo um ambiente de aprendizagem estimulante e eficaz” e (BATTISTI; DE ARAÚJO, 2019, p. 64), assinalam:

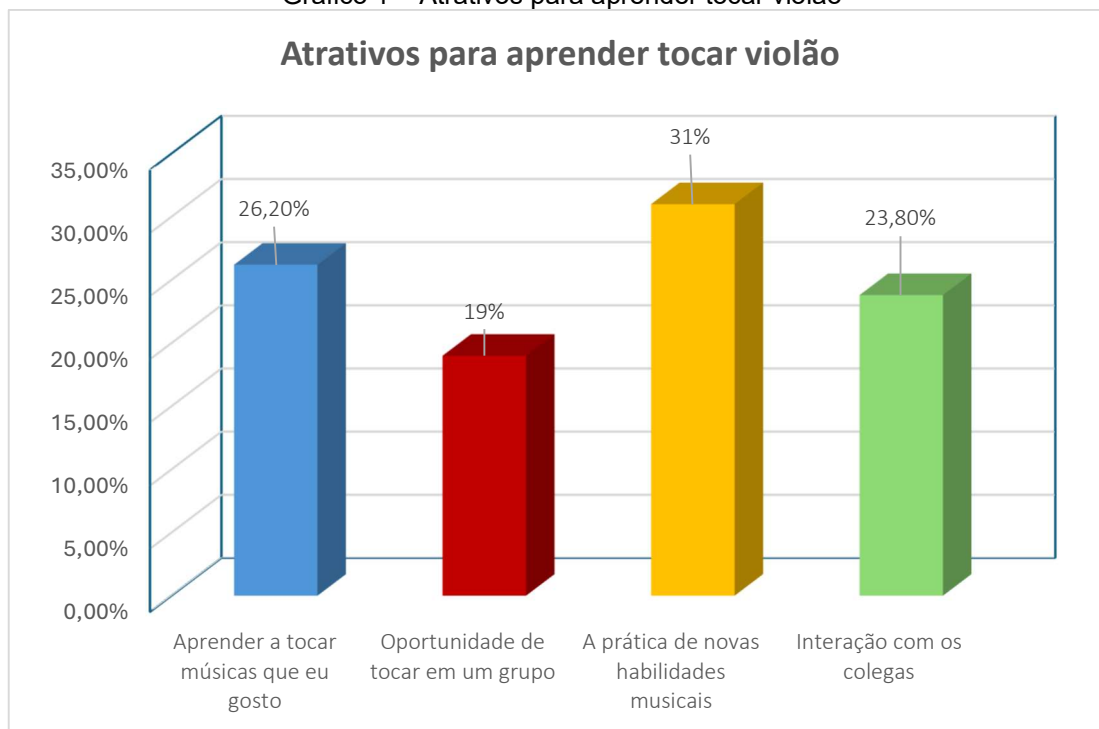
O ambiente de ensino coletivo proporciona um espaço de compartilhamentos onde, além de poderem tocar juntos, é muito comum um aluno tocar para o outro ver, mostrando algo que aprendeu e motivando o outro a tocar também.

7.1 DADOS QUANTITATIVOS E PERCEPÇÕES DOS ESTUDANTES

Todas essas ressalvas se comprovam efetivamente quando verificamos as respostas obtidas no questionário da pergunta: “Como você se sente com a possibilidade de aprender tocar violão nas aulas de Arte?”, 61,9% dos estudantes se sentem muito animados e 33,3% se sentem apenas animados, apenas 4,8% responderam que é indiferente, desmotivado ou que não gosta do instrumento violão.

Outros aspectos a serem considerados neste cenário são as respostas obtidas no questionário quando perguntados sobre: “O que mais te atrai nas aulas de violão? 26,2% dos estudantes mencionaram que o principal atrativo é aprender a tocar músicas que gostam, refletindo o desejo de personalizar sua experiência musical; 19% destacam a oportunidade de tocar em grupo, o que evidencia o valor da colaboração e da convivência social; 31% se sentem motivados pela prática das habilidades musicais, enfatizando o desejo de aprimorar sua técnica e; por fim, 23,8% revelaram que a interação com os colegas é um fator importante, indicando que o aspecto social da atividade também desempenha um papel fundamental na motivação para a participação. (Gráfico 4).

Gráfico 1 – Atrativos para aprender tocar violão



Fonte: Elaboração do autor: 2025

Corroborando nesse sentido (BARBOSA, 2015a, p. 2), diz:

O violão está presente em diversas culturas em todo o mundo, sobretudo no Brasil, país em que vivemos. Este importante instrumento que além de ter um baixo custo e que pode ser facilmente transportado, é considerado um dos mais importantes instrumentos da música popular brasileira da atualidade além de trazer consigo uma herança histórica muito rica e um amplo repertório que pode ser tocado por este.

Por isso acreditamos que o ensino coletivo de violão pode ser uma oportunidade única para o desenvolvimento de habilidades musicais dos alunos nas aulas de arte, que de outra forma, talvez não tivessem acesso a esse tipo de aprendizado. Além disso, a ausência de experiência prévia também pode indicar maior entusiasmo e interesse por parte dos alunos em explorar o violão como uma novidade. Para (BARBOSA et al., 2023, p. 8),

A inserção da música no processo de ensino aprendizagem [...] é uma potente possibilidade para o processo de ensino e que possibilita o aprimoramento da aprendizagem, principalmente no que diz respeito aos conteúdos que necessitam de memorização e também de conteúdo.

Com tudo, estudar música proporciona descobertas com outras formas de aprender, possibilitando ao estudante, um aprendizado mais dinâmico de acordo com seu repertório cultural e seu contexto circundante.

Por fim, a maioria dos alunos do 7º ano que participaram dessa fase da pesquisa, afirmaram que estudar violão coletivo nas aulas de artes contribui significativamente para sua concentração e melhora no aprendizado de outras disciplinas do currículo escolar, conforme nos afirma (WEIGSDING; BARBOSA, 2018, p. 48):

A música, mais do que qualquer outra arte, tem uma representação neuropsicológica extensa, com acesso direto à afetividade, controle de impulsos, emoções e motivação. Ela pode estimular a memória não verbal por meio das áreas associativas secundárias as quais permitem acesso direto ao sistema de percepções integradas ligadas às áreas associativas de confluência cerebral que unificam as várias sensações.

Portanto, chegar nesse momento do trabalho, entendemos que ainda nos falta um caminhar, mas todo o levantamento de dados qualitativos e quantitativos nos permitiram uma visão mais clara sobre os desafios enfrentados pelos alunos e sobre suas perspectivas e os potenciais caminhos para melhorar o ambiente educacional. Esse processo, portanto, não só contribui para a pesquisa, mas também para um olhar mais profundo sobre a realidade escolar e o papel da educação na formação dos adolescentes, especialmente quando práticas pedagógicas como o ensino coletivo de violão são valorizadas como instrumentos de desenvolvimento social e pessoal.

7.2. REFLEXÕES FINAIS E PERSPECTIVAS FUTURAS

Ao chegar neste momento do trabalho, entende-se que ainda resta um caminho a percorrer, mas todo o levantamento de dados qualitativos e quantitativos permitiu uma visão mais clara sobre os desafios enfrentados pelos alunos, sobre suas perspectivas e os potenciais caminhos para melhorar o ambiente educacional. Esse processo, portanto, não só contribui para a pesquisa, mas também para um olhar mais profundo sobre a realidade escolar e o papel da educação na formação dos adolescentes, especialmente quando práticas pedagógicas como o ensino coletivo de violão são valorizadas como instrumentos de desenvolvimento social e pessoal.

A experiência desenvolvida no CIME Prof. Dr. José Aldemir de Oliveira demonstrou que a música, quando integrada de forma planejada e intencional ao currículo escolar, transcende a mera transmissão de conteúdos técnicos, tornando-se ferramenta de transformação individual e coletiva. Os resultados evidenciaram que o ensino coletivo de violão favorece não apenas o desenvolvimento de competências musicais, mas também o fortalecimento de vínculos sociais, a construção da autoestima, o exercício da cooperação e o respeito à diversidade.

Espera-se que esta pesquisa possa inspirar outras instituições educacionais a reconhecerem o potencial formativo da música e a investirem em práticas pedagógicas que valorizem a Arte como componente essencial da educação integral. O caminho está aberto para novas investigações, novos repertórios, novas metodologias e, sobretudo, para que cada vez mais estudantes tenham a oportunidade de vivenciar a música como direito, como expressão e como instrumento de cidadania.

8. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Flávio Aparecido De. **Educação, Música e Artes: contribuições e desafios no contexto escolar**. [s.l.] : Editora Científica Digital, 2022. DOI: 10.37885/978-65-5360-056-0.

ALVIM, Angélica Tanus Benatti; IZAGA, Fabiana Generoso De; CLAPS, Rosanna Forray. Mobilidade urbana em perspectiva: novos olhares sobre as dinâmicas da cidade contemporânea. **Cadernos Metrópole**, [S. l.], v. 26, n. 60, p. 413–421, 2024. DOI: 10.1590/2236-9996.2024-6000.

ARAUJO, Josiane Reis; SANTOS, Ana Lourdes de Jesus Pinheiro Dos; GONDIM, Cristiane da Silva Reis; CARVALHO, Edmer Graciana De; TITON, Letícia Furtado; SILVA, Luís Gonçalves Da; SARAIVA, Saulo Roger Cavalcante; WOODCOCK, Ziza Silva Pinho. O uso da música como instrumento pedagógico no processo de alfabetização nas séries iniciais do ensino fundamental. **Caderno Pedagógico**, [S. l.], v. 21, n. 8, p. 1–21, 2024. DOI: 10.54033/cadpedv21n8-018.

BARBOSA, Ana Caroline Zuza et al. A Música como ferramenta metodológica de ensino. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 12, n. 2, p. 1–9, 2023. DOI: 10.33448/rsd-v12i2.39438.

BARBOSA, Robert Ruan de Oliveira. Ensino coletivo de violão: o perfil do professor, suas metodologias e estratégias organizacionais para o ensino no Programa Mais Educação nas escolas públicas municipais de Manaus. **Anais do Congresso da ANPPOM**, [S. l.], p. 1–8, 2015. a. Disponível em: https://anppom.org.br/anais/anaiscongresso_anppom_2015/3734/public/3734-11607-1-PB.pdf. Acesso em: 7 maio. 2025.

BARBOSA, Robert Ruan de Oliveira. O ensino coletivo de violão nas escolas públicas estaduais de Manaus através do Projeto Jovem Cidadão. **Anais do XXII Congresso Nacional da Associação Brasileira de Educação Musical**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 1–12, 2015. b. Disponível em: http://abemeducacaomusical.com.br/anais_congresso/v1/papers/1223/public/1223-4425-1-PB.pdf. Acesso em: 12 ago. 2025.

BATTISTI, Dayane; DE ARAÚJO, Rosane Cardoso. Motivação para aprendizagem no ensino coletivo de violão. **Percepta - Revista de Cognição Musical**, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 59–68, 2019. DOI: 10.34018/2318-891x.7(1)59-68.

BRASILIANO, Mônica Alves; CASTRO, Maria do Socorro Alves P.; SOUZA, Katarina Rúzia De. A MÚSICA COMO INSTRUMENTO DE INCLUSÃO. **Anais V SETEPE**, [S. l.], v. 1, p. 1–9, 2014. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/8086>. Acesso em: 7 maio. 2025.

CALAZANS, Di Paula Prado; SILVA, Daniela Oliveira Vidal Da; NUNES, Cláudio Pinto. Desafios e controvérsias da Base Nacional Comum Curricular. **Revista e-Curriculum**, [S. l.], v. 19, n. 4, p. 1650–1675, 2021. DOI: 10.23925/1809-3876.2021v19i4p1650-1675.

CARDOSO, Cintia Aurora Quaresma; OLIVEIRA, Ney Cristina Monteiro De. CONCEPÇÕES DE EDUCAÇÃO INTEGRAL E EM TEMPO INTEGRAL NO BRASIL: REFLEXÕES A PARTIR DAS BASES TEÓRICAS E LEGAIS. **Revista e-Curriculum**, [S. l.], v. 18, n. 4, p. 2074–2094, 2020. DOI: 10.23925/1809-3876.2020v18i4p2074-2094.

CENDON, Beatriz Valadares; RIBEIRO, Nádia Ameno; CHAVES, Consuelo Joncew; MOREIRA, Lucília Vilarino. **UTILIZAÇÃO DE WEB SURVEYS PARA ESTUDOS DE USO**. João Pessoa. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/ies/article/view/4062/4809>. Acesso em: 12 ago. 2025.

CERNEV, Francine Kemmer. Aprendizagem musical colaborativa mediada pelas tecnologias digitais: uma perspectiva metodológica para o ensino de música. **Revista da Abem**, [S. l.], v. 26, n. 40, p. 23–40, 2018. DOI: 10.33054/ABEM2018a4002. Disponível em: <http://www.abemeducacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/718>.

DASSORI, Marco. Manaus entre as que mais crescem. **Jornal do Comércio**, [S. l.], 2023. Disponível em: <https://jcam.com.br/noticias/manaus-entre-as-que-mais-crescem/>. Acesso em: 13 ago. 2025.

DIAS, Eline Pereira da Silva; COSTA, Jonas Bezerra Da; NOVAIS, Luciene; BARBOSA, Marinalva de Souza; GUSMÃO, Vanessa Rodrigues De. MANEJO DA DIVERSIDADE COGNITIVA E SOCIOEMOCIONAL DOS ALUNOS. **Boletim Informativo Unimotrisaúde em Sociogentologia**, Manaus, v. 40, p. 1–9, 2023. Disponível em: <https://www.periodicos.ufam.edu.br/index.php/BIUS/article/view/12861>. Acesso em: 7 ago. 2025.

FÁVERO, Altair Alberto; TONIETO, Carina; BELLENZIER, Caroline Simon; CENTENARO, Junior Bufon. Os sujeitos de tempo integral: estudo comparativo entre Ensino Médio integrado da rede federal e Ensino Médio de tempo integral gaúcho. [S. l.], v. 13, p. 1–19, 2024.

FLEURY, Maria Tereza Leme; WERLANG, Sergio R. C. Pesquisa aplicada: conceitos e abordagens. **Anuário de Pesquisa GVPESQUISA**, [S. l.], p. 10–15, 2017. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/apgvpesquisa/article/view/72796>. Acesso em: 12 ago. 2025.

FREIRE, Paulo. **PAULO FREIRE PEDAGOGIA DO OPRIMIDO 23ª Reimpressão**. 17. ed. Rio de Janeiro.

GUITARRARA, Paloma. Amazonas Brasil Escola. Amazonas, p. 1, 2025. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/brasil/amazonas.htm>. Acesso em: 13 ago. 2025.

GULARTE, José Luiz Domingues; WOLFFENBÜTTEL, Cristina Rolim. EDUCAÇÃO MUSICAL E INTERDISCIPLINARIDADE. **Interfaces Científicas - Educação**, [S. l.], v. 12, n. 1, p. 345–358, 2023. DOI: 10.17564/2316-3828.2023v12n1p345-358. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/educacao/article/view/10957>.

HASS, CÉLIA MARIA; MORI, OSWALDO LUIS. interdisciplinaridade e música. [S. l.], 2003.

IPAAN. **População Amazonas-Municípios**. Manaus. Disponível em: <https://www.ipaam.am.gov.br/populacao-amazonas-municipios/>.

JESUS, Everaldo Antonio De; GUERRA, Avaetê de Lunetta e Rodrigues; PEREIRA, Antonio Renaldo Gomes. A INTERDISCIPLINARIDADE COMO ESTRATÉGIA PARA O DESENVOLVIMENTO DE UMA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA. **International Contemporary Management Review**, [S. l.], v. 5, n. 2, p. e87, 2024. DOI: 10.54033/icmr5n2-003.

LEOPOLDO, Carlos; LOISE, Ferreida; SCHWARZBACH, Cristina; CESAR, Vando; FERREIRA, Ribeiro. INSTRUMENTO PARA COLETA DE DADOS PRIMÁRIOS PARA PESQUISAS EM ADMINISTRAÇÃO. **Paranaguá) Edição Especial ENACILLA**, [S. l.], p. 27–33, 2018. Disponível em: [file:///C:/Users/gilso/Downloads/8362%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/gilso/Downloads/8362%20(1).pdf). Acesso em: 12 ago. 2025.

LIMA, Sônia Albano De. INTERDISCIPLINARIDADE: UMA PRIORIDADE PARA O ENSINO MUSICAL. **Revista MÚSICA HODIE**, [S. l.], v. 7, 2007. DOI: <https://doi.org/10.5216/mh.v7i1.1754>. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/musica/article/view/1754>. Acesso em: 12 ago. 2025.

LIMA, Telma Cristiane Sasso De; MIOTO, Regina Célia Tamasso. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Revista Katálisis**, [S. l.], v. 10, n. spe, p. 37–45, 2007. DOI: 10.1590/S1414-49802007000300004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-49802007000300004&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 12 ago. 2025.

LIMA, Edailza Maria Pereira. **GRUPO DE PERCUSSÃO POPULAR DA UFPB: Práticas de ensino coletivo de percussão popular em um grupo heterogêneo**. 2022. UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA, João Pessoa, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/24255/1/EMPL08082022.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2025.

LOPES, Fernanda Palheta. **O ENSINO COLETIVO DE INSTRUMENTOS MUSICAIS: INTEGRANDO O “MÉTODO FLAUTA DOCE-CURSO INTERATIVO” NAS AULAS DE ARTE DO ENSINO FUNDAMENTAL II**. 2024. Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2024. Disponível em: <https://www.tede.ufam.edu.br/handle/tede/10671>. Acesso em: 10 jun. 2025.

LORRANE STÉFANE SILVA, Guilherme Saramago de Oliveira, Eliana Helena Corrêa Neves Salge. **ENTREVISTA NA PESQUISA EM EDUCAÇÃO DE ABORDAGEM QUALITATIVA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS E PRÁTICAS**. Rio de Janeiro.

MARCONE, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 8. ed. [s.l: s.n.]. v. 8

MATTA, Alfredo Eurico Rodrigues; SILVA, Francisca de Paula Santos Da; BOAVENTURA, Edivaldo Machado. DESIGN-BASED RESEARCH OU PESQUISA DE DESENVOLVIMENTO: METODOLOGIA PARA PESQUISA APLICADA DE INOVAÇÃO EM EDUCAÇÃO DO SÉCULO XXI. **Revista da FAEBA – Educação e Contemporaneidade**, [S. l.], v. 42, p. 23–36, 2014. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/faeoba/v23n42/0104-7043-faeoba-23-42-00023.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2025.

NOBRE, Ana; MARTIN-FENANDES, Isabelle. Abrir caminhos para a investigação em educação: design-based research. **Práxis Educacional**, [S. l.], v. 17, n. 48, 2021. DOI: 10.22481/praxisedu.v17i48.8821.

PARENTE, Cláudia da Mota Darós. Multiple-shift schooling: international context and the brazilian case. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, [S. l.], v. 13, n. 32, p. 1–20, 2020. DOI: 10.20952/revtee.v13i32.12962.

PEREIRA, David Barbalho; FERNANDES, Rayssa R. M. Gondim; SACHI, Elizabeth; AGAMENON DE MORAIS, Kanzaki; LIMA DE SOUZA, Catarina Shin. **Educação Musical inclusiva Organizadores(as)**. 1. ed. Natal. v. 1 Disponível em: <http://repositorio.ufrn.br>.

PICANÇO, Tânia Maria Leal Vieira; GALINDO, Alexandre Gomes. Educação integral, em tempo integral: **Inovação & Tecnologia Social**, [S. l.], v. 2, n. 6, p. 95–119, 2020. DOI: 10.47455/2675-0090.2020.2.6.7748.

PORTO, Valdirene Aparecida Pires. IMPRENSA, IMIGRAÇÃO, TRABALHO E SOCIABILIDADES FEMININAS NA BELLE ÉPOQUE MANAUARA, 1880 - 1920. Manaus, p. 1–186, 2016. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/5679>. Acesso em: 13 ago. 2025.

QUEIROZ, Cemy. **O ENSINO COLETIVO DO VIOLÃO NA ESCOLA: A COMPOSIÇÃO MUSICAL EM FOCO**. 2015. [S. l.], 2015. Disponível em: https://dmc.uem.br/lappso/lappso/pdfs/queiroz-_cemy-_o_ensino_coletivo_do_violao_na_escola-_a_composicao_musical_em_foco.pdf. Acesso em: 13 ago. 2025.

REIS, Erisnaldo Francisco; STROHSCHOEN, Andreia Aparecida Guimarães. DESIGN-BASED RESEARCH PARA O DESENVOLVIMENTO DE CONCEITOS MATEMÁTICOS E ATIVAÇÃO DO PENSAMENTO METACOGNITIVO NO ENSINO DE BIOLOGIA. *Blumenal*, n. 2, p. 61–77, 2023.

ROVERONI, Mariana; MOMMA, Adriana Missae; GUIMARÃES, Bruna Cirino. Full-time education, full-time school: A dialogue on the times. **Cadernos CEDES**, [S. l.], v. 39, n. 108, p. 223–236, 2019. DOI: 10.1590/cc0101-32622019219069.

SÁ, Fábio Amaral da Silva. **ENSINO COLETIVO DE VIOLÃO: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA**. 2016. Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/items/da3abf2d-d95b-4675-af6f-0adc89d6aa16>. Acesso em: 12 ago. 2025.

SARAIVA, Marcus; SILVA, Luiz Pedro; BRAGA, Carlos Kauê Vieira; PEREIRA, Rafael H. M. TD 2854 - Transporte urbano e insuficiência de acesso a escolas no Brasil. **Texto para Discussão**, [S. l.], p. 1–65, 2023. DOI: 10.38116/td2854.

VIANA, Marcio; SUDÉRIO, Marcílio. Manaus e Sua Paisagem Cultural: Orla Fluvial e o Patrimônio da Cidade - Metrópole. **Revista CAU/UCB**, [S. l.], p. 01–22, 2016. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/cau/article/view/8407>. Acesso em: 12 ago. 2025.

VYGOTSKI, L. S. **A FORMAÇÃO SOCIAL DA MENTE**. 4. ed. [s.l.] : 1991,[s.d.]. Disponível em: <http://www.pr.gov.br/bpp>.

WEIGSDING, Jessica Adriane; BARBOSA, Carmem Patrícia. A influência da música no comportamento humano. **Revista Arquivos do Mudi**, [S. l.], v. 18, n. 2, p. 47–62, 2018. Disponível em: https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ArqMudi/issue/download/974/pdf_42. Acesso em: 12 mar. 2025.

APENDICE

APENDICE A - Questionário

Questionário para a entrevista:

1. Qual é o seu nome, quantos anos você tem e em qual série você está?

- Resposta aberta

Qual se Gênero?

- a) Masculino

- b) Feminino

Sua Faixa etária de Idade?

Menos de 12 Anos

12 a 14 Anos

Acima de 14 Anos

2. Qual Bairro Você Mora?

- a) Coliseu 1

- b) Coliseu 2

- c) Coliseu 3

- d) Cidade de deus

- e) Jorge Teixeira

- f) Ramal do Brasileirinho

Em qual zona você Reside?

- a) Norte

- b) Leste

- c) Sul

- d) Centro Sul

- e) Oeste

- f) Centro Oeste

3. Em qual turno você estuda?

- a) Manhã

- b) Tarde

- c) Noite

4. Como você se sente ao aprender violão nas aulas de Artes?

- a) Muito animado(a)

- b) Animado(a)

- c) Indiferente

- d) Desmotivado(a)

- e) Não gosto de aprender violão

5. O que mais te atrai nas aulas de violão?

- a) Aprender a tocar músicas que gosto
- b) A oportunidade de tocar em grupo
- c) A prática de novas habilidades musicais
- d) A interação com os colegas
- e) Outro (especificar) _____

6. Você já tocava violão antes de começar as aulas na escola?

- a) Sim
- b) Não
- Se "Sim", o que mudou desde que começou a aula coletiva?
 - a) Melhorei minha técnica
 - b) Fiquei mais confiante
 - c) Apreendi novas músicas
 - d) Não percebi mudanças significativas

7. Você percebe alguma relação entre as aulas de violão e o que aprende em outras matérias da escola?

- a) Sim, percebo que o violão me ajuda em outras matérias, como Língua Portuguesa ou Matemática
- b) Sim, percebo que o violão me ajuda a me concentrar mais em outras matérias
- c) Não percebo essa relação
- d) Não sei dizer

8. Você acha que aprender violão ajuda a melhorar sua criatividade e forma de pensar nas aulas de outras disciplinas?

- a) Sim, muito
- b) Sim, um pouco
- c) Não, não vejo relação
- d) Não sei responder

9. Quais músicas você gosta de tocar nas aulas de violão? Existe alguma música que te marcou?

- Resposta aberta

ANEXOS

ANEXO A - Programação



Educação Integral Transforma a vidas.

Projeto Despertar Para as Artes

A Música aliada com a Educação, configura-se como um poderoso recurso na aprendizagem do aluno, uma vez que ajuda nas questões de disciplina, atenção, organização e compromisso com os estudos. O Projeto é baseado na Metodologia Dalcrose que valoriza a percepção e improvisação, permitindo ao alunado explorar todo o conhecimento prévio dos pré conceitos e conceitos já vivenciados com a música.

O Projeto tem por objetivo:

Oportunizar aos estudantes do CIME Dr José Aldemir de Oliveira o contato com direto com as artes por meio de vivências individuais ou coletivas com instrumentos musicais, obras de compositores da Música Regional, Nacional e internacional, promovendo a Socialização posterior com a comunidade Educativa

Projeto Despertar para as Artes

Maestro: Gilson Victor

Coro

1. Thatyanna Jhenyfer Costa Liborio - 8ºB
2. Isadora Andrade - 8ºB
3. Pâmela Gemaque Alves - 9ºA
4. Anny Cristiny Fernandes de Souza - 8ºB
5. Emily Santos - 8ºA
6. Rihanna Nascimento - 8ºB

Violões

1. Flavia Lemos de Oliveira - 9ºB
2. Victor Vieira de Souza 9ºA
3. Ana Clara Nery Gomes - 9ºB
4. Joelma Gabrielly - 9ºA
5. Miguel Silva de Araújo - 8ºA
6. Ana Flavia Souza da Costa - 8ºB
7. Evelin Vitoria Moraes de Oliveira - 9ºB
8. Moises Daniel de Souza e Souza - 7ºB
9. Lucas Gabriel dos santos nascimento 8ºB
10. Maria alicia caio de lima - 7ºC
11. Sarah grazielly quaresma lobato - 7A
12. Flavio lemos da silva - 9ºB
13. Emily de Souza santos - 6ºB
14. Levi lima de Souza - 9ºA
15. Julia emanuely da silva saraiva - 7ºC
- 16.

Flautas

1. Yuri Gabriel pereiro de Souza - 6A
2. Ana clara B da conceição - 3B
3. Yasmim vitória - 3B
4. Esther gabrielly - 7A
5. Kemilly - 4A

Contra Regra

1. Isadora andrade - 8ºB

Quem somos

Sobre nós

Uma Escola com Visão Integral da Educação que Transforma a vida dos alunos por meio de ações concretas e do fazer Coletivo para uma construção do Protagonismo Juvenil.

Fale conosco

Telefone: 92 988445644

E-mail:

cime.josealdemir@semed.manausam.gov.br



SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
CIME PROF. DR JOSÉ ALDEMIRO DE OLIVEIRA
 Rua Primula
 Distrito Industrial
 Cep. 69004-010

Secretaria Municipal de Educação – SEM ED
 Divisão Distrital Leste 2
 CIME Prof. Dr José Aldemir de Oliveira

Orquestra de Violões



CIME Dr José Aldemir

PROJETO DESPERTAR PARA AS ARTES

- ♦ VIOLÃO
- ♦ CANTO
- ♦ FLAUTA



PROJETO DESPERTAR PARA AS ARTES



Aulas Musicalização

A Música Potencializa Saberes

Podemos utilizar a Música como um poderoso Recurso de aprendizagem, pois ela é essencial no fazer Pedagógico, com ela obtemos uma aprendizagem dinâmica, alegre e prazerosa. o uso da Música na Educação oportuniza a criatividade da criança e adolescente visto que os mesmos estão em constante interação com o meio em que vivem, portanto, ao educador cabe o estímulo ao fazer-criativo.

O Projeto Despertar Para as Artes visa oportunizar aos alunos o contato com as artes, e todo o processo de aprendizado é pautado na construção e no fazer coletivo

Pedagogo e Músico Gilson Victor

"A Música em Si já é o um Forte Aliado na Construção do Conhecimento."

Programação

1 - Du de Bossa Nova

- João e Maria (Chico Buarque)

2 - Camerata de Violões

- A casa do Sol Nascente (Alan Price)
- Naquela Mesa (Nelson Gonçalves)

3 - Grupo de MPB

- Trem Balé (Ana Viela)
- Hey Pay (Isadora Pompeo)
- Velha Infância (Tribalistas)

4 - Orquestra de Violão do CIME

- Argumento (Adelson Santos)
- Asa Branca (Luiz Gonzaga)
- Que País é Esse (Legião Urbana)

5 - Orquestra de Câmara do CIME

- Anunciação (Alceu Valença)
- Lindo És Só Quero Ver Você (Juliano Son)

COORDENAÇÃO

Gestora: Zilene Truvão
 Pedagogo/Maestro: Gilson Victor
 Logística e Arte-Profe (as):
 Marlon Jose Apucino Costa
 Marta Imbiriba, Débora Menezes
 Cristiano Silveira de Souza.

ANEXO B - Repertório

L. V. BEETHOVEN

(Tema da Sinfonia n.9)

Violin I

Arr. Joel de Amorim

$\text{♩} = 100$

mf *p*

5

13

1

24

2.

27

32

40

rit.

ANEXO C – Repertório

Eu Só quero um xodó

(Dominginhos e Anastácia)

[Intro] F Bb F C

F Bb F C

F Bb F C

F Bb F C F

F Dm Am

Que falta eu sinto de um bem

Bb C F

Que falta me faz um xodó

F Dm Am

Mas como eu não tenho ninguém

Bb C F

Eu levo a vida assim tão só

Cm F

Eu só quero um amor

Cm G

Que acabe o meu sofrer

Dm G

Um xodó pra mim

Dm G

Do meu jeito assim

Bb C F

Que alegre o meu viver

(F Bb F C)

(F Bb F C)

(F Bb F C)

(F Bb F C F)

F Dm Am
Que falta eu sinto de um bem
Bb C F
Que falta me faz um xodó
F Dm Am
Mas como eu não tenho ninguém
Bb C F
Eu levo a vida assim tão só

Cm F
Eu só quero um amor
Cm G
Que acabe o meu sofrer
Dm G
Um xodó pra mim
Dm G
Do meu jeito assim
Bb C F
Que alegre o meu viver

[Final] F Bb F C
F Bb F C
F Bb F C
F Bb F C F

ANEXO D - Repertório

www.superpartituras.com.br

Eu Só Quero Um Xodó

Dominguinhos e
Anastácia

♩ = 100

10

18

26

34

ANEXO E - Repertório

Violão 1

Goteira dos Andes

Raíces caboclas

Arr.: Neil Armstrong Jr
Adaptação.: Wandeval Barroso

Ad libitum

$\text{♩} = 60$
a tempo

$\text{♩} = 86$
a tempo

rall...

A

B

pf

ANEXO F - Repertório

Brilha, Brilha, Estrelinha



Dó dó sol sol lá lá sol fá fá mi mi ré ré dó

5
sol sol fá fá mi mi ré sol sol fá fá mi mi ré Dó dó sol sol

10
lá lá sol fá fá mi mi ré ré dó

Brilha, brilha estrelinha
 Quero ver você brilhar
 Faz de conta que é só minha
 Só pra ti irei cantar

Brilha, brilha estrelinha
 Brilha, brilha lá no céu
 Vou ficar aqui dormindo
 Pra esperar Papai Noel

ANEXO G - Repertório

Anunciação

Violino

(Alceu Valença)

David William

♩ = 100

7

13

20

27

35

43

50

57

64

A

B

C

D

1.

2.

ANEXO H - Repertório

Asa Branca**Luiz Gonzaga**

G C G
 Quan do o - lhei a ter - ra ar - dendo Com a fo - guei - ra de São João
 9 C D G
 Eu per - gun - te - ei A Deus do céu, uai Por - que ta - ma - nha Ju - di - a - ção
 17 C D
 Eu per - gun - te - ei A Deus do céu, uai Por - que ta - ma - nha
 23 G
 ju - di - a - ção

Prof. Lilian Danila

ANEXO I – Repertório

Que País É Este
Legião Urbana

www.superpartituras.com.br

Tempo = 142 Renato Russo

1. C D

2. C D Em

C D Em C D Em

C D Em C D Em

C D Em C D Em

C D Em C D Em

C D Em C D Em

C D Em C D Em

C D Em C D Em

C D Em C D Em

ANEXO J – Jogos Musicais

